

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
CAMPUS ARARAQUARA

PAOLA GOUSSAIN DE SOUZA LIMA

**AS INVERSÕES SUJEITO-VERBO E A CONCORDÂNCIA
VERBAL: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DA
POSPOSIÇÃO DO SUJEITO EM GÊNEROS ESCRITOS DE
IMPrensa DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

ARARAQUARA – SP
2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
CAMPUS ARARAQUARA

PAOLA GOUSSAIN DE SOUZA LIMA

**AS INVERSÕES SUJEITO-VERBO E A CONCORDÂNCIA
VERBAL: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DA
POSPOSIÇÃO DO SUJEITO EM GÊNEROS ESCRITOS DE
IMPRESSA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como exigência à obtenção do título de Mestre em Lingüística e Língua Portuguesa, desenvolvida sob a orientação da Prof^a Dr^a Odette Gertrudes L. A. de Souza Campos.

ARARAQUARA – SP
2011

AS INVERSÕES SUJEITO-VERBO E A CONCORDÂNCIA VERBAL: UM ESTUDO
SOBRE A INFLUÊNCIA DA POSPOSIÇÃO DO SUJEITO EM GÊNEROS ESCRITOS
DE IMPRENSA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

**Comissão Examinadora da Dissertação de Mestrado para obtenção do Título de
Mestre em Lingüística e Língua Portuguesa**

PROF^a. DR^a. ODETTE GERTRUDES LUIZA ALTMANN DE SOUZA CAMPOS
Orientador(a)/Presidente

PROF^a. DR^a. GLADIS MARIA BARCELOS DE ALMEIDA
Membro Titular

PROF^a. DR^a. ROSANE DE ANDRADE BERLINCK
Membro Titular

PROF^a. DR^a. BEATRIZ NUNES DE OLIVEIRA LONGO
Membro Suplente

PROF^a. DR^a. BEATRIZ GAMEIRO
Membro Titular

ARARAQUARA, 9 DE MAIO DE 2011.

A meu filho Mateus, por quem vivo.

AGRADECIMENTOS

A minha família, que me deu amparo e sempre acreditou em mim.

Ao Tiago, pelo amor e pela paciência durante todo este percurso.

À Prof^a. Dr^a. Odette G. L. A. S. Campos, minha orientadora, pelos ensinamentos e ajudas.

Aos professores do curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da UNESP de Araraquara, que tanto colaboraram para minha formação.

À Prof^a. Dr^a. Rosane de A. Berlinck, pelo conhecimento compartilhado.

A minha tia-madrinha, Lalá, pelo exemplo e pelas palavras de apoio.

A meu amigo Rafael (Júnior), pela fiel amizade e pelo encorajamento.

À amiga Denise, por sua amizade verdadeira e pelo incentivo.

Às meninas da Editora – Lessandra, Leila, Bel e Ana – pelo auxílio em momentos que necessitei.

Aos colegas de curso – em especial Niguelme, Gisele e Taísa – pela amizade, apoio e ajuda durante toda a jornada.

A todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para a concretização deste trabalho.

Ao CNPq, pela concessão de uma bolsa de estudos.

“A realidade da língua é movimento e,
mesmo quando considerada sincronicamente,
fundamenta-se num equilíbrio instável.”
(Eugenio Coseriu, Teoria da linguagem
e lingüística geral, 1979)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	18
1. A Sociolinguística	18
1. A contribuição laboviana para o estudo da variação e mudança lingüística.....	23
A ORDEM NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E A CONCORDÂNCIA VERBAL: UMA BREVE REVISÃO DE LITERATURA	27
1. A ordenação dos constituintes	27
1. As funções gramaticais.....	28
2. As funções semânticas	30
3. As funções textuais	30
2. A Ordem no Português Brasileiro.....	31
1. A Ordem SVO e suas inversões vistas pelo viés de alguns gramáticos tradicionais	35
2. O estudo da Ordem realizado por alguns lingüistas	39
3. A noção de sujeito e a inversão da Ordem.....	40
3. O sujeito posposto.....	44
4. A concordância verbal.....	51
1. A concordância verbal sob a perspectiva da gramática tradicional.....	51
2. A concordância verbal à luz da Lingüística	55

3. A relação entre concordância verbal e a questão da Ordem no PB.....	57
METODOLOGIA	63
1. A questão do gênero textual/discursivo.....	66
1. Os gêneros de imprensa e os aspectos sociolingüísticos.....	72
2. Os suportes presentes em nosso Corpus.....	76
ANÁLISE DOS DADOS	82
1. Fatores analisados em nossa pesquisa.....	85
1. Variável lingüística tipo de predicado.....	85
2. Variável lingüística tipo de gênero discursivo	86
3. Variável lingüística tipo de estrutura oracional.....	89
4. Variável lingüística tipo de tempo verbal.....	93
5. Variável lingüística classe do sujeito	94
6. Variável lingüística definitude do sujeito	95
7. Variável lingüística distância entre o verbo e o SN sujeito.....	98
8. Variável extralingüística tipo de suporte.....	100
9. Variável extralingüística nome do suporte	102
2. O peso relativo e a aplicabilidade do fenômeno	105
1. Variável lingüística tipo de sujeito	106
2. Variável lingüística tipo de verbo.....	108
3. Variável lingüística papel temático do sujeito.....	110
3. Contextos favoráveis para a ausência de concordância verbal diante do sujeito posposto	112

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
----------------------------------	------------

BIBLIOGRAFIA	125
---------------------------	------------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: tipo de predicado X presença/ausência de concordância verbal	86
Tabela 2: tipo de gênero discursivo X presença/ausência de concordância verbal.....	87
Tabela 3: tipo de estrutura oracional x presença/ausência de concordância	91
Tabela 4: tipo de tempo verbal X presença/ausência de concordância verbal	93
Tabela 5: classe do sujeito X presença/ausência de concordância verbal	95
Tabela 6: definitude do sujeito X presença/ausência de concordância verbal	97
Tabela 7: Distância entre verbo e sujeito X presença/ausência de concordância verbal	99
Tabela 8: classe do sujeito X presença/ausência de concordância verbal	101
Tabela 9: classe do sujeito X presença/ausência de concordância verbal	103
Tabela 10: tipo de sujeito x concordância/não-concordância	107
Tabela 11: tipo de transitividade verbal x presença/ausência de concordância	109
Tabela 12: papel temático do sujeito X presença/ausência de concordância verbal	111
Tabela 13: tipo de sujeito X papel temático do sujeito	113
Tabela 14: definitude do sujeito X tipo de estrutura oracional	114

Tabela 15: tipo de sujeito X definitude do sujeito	115
Tabela 16: tipo de verbo X papel temático do sujeito	115
Tabela 17: tipo de estrutura oracional X tipo de sujeito	117
Tabela 18: Tipo de verbo X tipo de sujeito	118

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Escala de formalidade apresentada por Castilho	79
--	----

LIMA, Paola G. S. **As inversões sujeito-verbo e a concordância verbal: um estudo sobre a influência da posposição do sujeito em gêneros escritos de imprensa do Português Brasileiro.** Dissertação de mestrado. Araraquara, UNESP, 2011.

RESUMO

Este trabalho traz o estudo de estruturas que apresentam posposição do sujeito e a influência das mesmas no processo de concordância verbal em gêneros escritos de imprensa do Português Brasileiro (PB), datados entre 2008 e 2010.

Para tanto, selecionamos, como corpus desta pesquisa, os gêneros editorial, carta dos leitores, noticiário, coluna e entrevista – seções que apresentam traços mais informais e subjetivos de seus usuários/leitores, dos jornais Folha de São Paulo, Jornal da Tarde, Notícias Já e Diário de São Paulo e das revistas Istoé Gente, Época, Malu Mulher e Aparecida, por estes serem meios de comunicação de imprensa escrita, direcionados a diferentes leitores e com grande circulação nacional.

Fizemos um levantamento das ocorrências de sujeitos pospostos nos gêneros escritos de imprensa, analisamos os dados, levantando, ao final, nossas considerações sobre a relação posição do sujeito X concordância verbal.

Trazemos a hipótese de que o sujeito posposto na escrita, assim como ocorre na fala, desfavoreça a CV, pois, por não se apresentar em posição de tópico e não condizer com a definição dada pela Gramática Tradicional, “ser de quem se diz alguma coisa”, características estas principais para a identificação do sujeito em uma oração, o usuário da língua tende a identificá-lo como sendo outro termo da oração, havendo ou não um termo que ocupe a posição inicial da oração em seu lugar, não realizando, com isto, a concordância entre o verbo e este SN sujeito pós-verbal.

PALAVRAS-CHAVE: Ordem SVO; sujeito posposto; concordância verbal; gênero discursivo; variação lingüística.

LIMA, Paola G. S. **As inversões sujeito-verbo e a concordância verbal: um estudo sobre a influência da posposição do sujeito em gêneros escritos de imprensa do Português Brasileiro**. Dissertação de mestrado. Araraquara, UNESP, 2011.

ABSTRACT

This research brings a study of structures which present postposition of the subject and the influence of those in the process of verbal agreement in written genres Press of the Brazilian Portuguese (BP), dated between 2008 and 2010.

To this end, we selected as a corpus of this research, the gender's editorial, letter from readers, news, column and interview – sections that have more informal and subjective features of their users / readers, from Folha de São Paulo newspaper, Jornal da Tarde, Notícias Já, Diário de São Paulo and from the magazines Istoé Gente, Época, Malu Mulher and Aparecida, for they being means of printing media, towards different readers and with a large national circulation.

We did a survey of the occurrences of subjects postponed in written genres of press. We analyzed the data, increasing, at the end, our thoughts about the relation position of the subject X verbal agreement.

We bring the hypothesis that the subject postponed in writing, as well as in speech, does not favour the CV, then, for not present itself in a position of topic and does not match the definition given by the Traditional Grammar, "being from whom says to be something" these characteristics are major for the identification of the subject in a sentence. The language user tends to identify it as another word of the sentence, whether there is or not a term that occupies its initial positions in the sentence, without achievement, with that, the agreement between the verb and the post-verbal subject SN.

KEYWORDS: Order SVO; postponed subject; verbal agreement; discursive genre; language variation.

INTRODUÇÃO

No Brasil, as pesquisas lingüísticas têm apresentado resultados significativos acerca dos fenômenos variáveis na gramática do português. Estas pesquisas¹ comprovam a realidade lingüística de nosso país e a sua importância para a descrição da Língua Portuguesa, tanto em sua modalidade escrita, quanto em sua modalidade falada.

A norma padrão, imposta pelas prescrições contidas nas gramáticas tradicionais, distancia-se da realidade da fala dos brasileiros, o que faz com que nos textos escritos surjam estruturas e fenômenos comuns à fala. A transposição de aspectos da fala para a escrita formal, por ser condenada pela norma padrão, é utilizada, na maioria das vezes, inconscientemente pelos falantes/usuários da língua.

Uma possibilidade de verificarmos esses desníveis entre gramática e uso é através da observação do uso da não-concordância e este trabalho tem como objetivo estudar esse uso em gêneros escritos da imprensa, sob a perspectiva de que, ao deslocar-se o sujeito da sua posição inicial na oração, este termo passa a ser entendido como objeto verbal (Pontes, 1986), perdendo a marca de concordância entre esse sujeito que se encontra posposto e o verbo. Para esta análise, buscaremos subsídios na Sociolingüística Variacionista, pois

“Os estudos empíricos da sociolingüística demonstram que a mudança não é apenas uma função do sistema lingüístico, mas uma função de interação da estrutura interna da língua com o processo social que ela realiza. A mudança é, conforme esses estudos, determinada em grande

¹ Berlinck (1989), Duarte (1992), Lima (2008), Scherre (2005), Vieira (1995).

parte pelas relações sócio-políticas e ideológicas que se estabelecem dentro da comunidade de fala (relações de poder e de prestígio, posição social, orientação cultural do falante etc.)”. (Margotti, 2003, p. 2)

Pretendemos comprovar que uma variante que ocorre usualmente em contextos informais de fala², a não concordância entre sujeito posposto e verbo, vem se apresentando na escrita padrão da imprensa, mesmo que esta modalidade se apresente controlada por regras prescritas em manuais, sendo, portanto, rígida no que concerne à utilização das normas das gramáticas tradicionais.

Ao longo deste trabalho, tentaremos mostrar a importância do gênero discursivo escrito, no caso os gêneros de imprensa, para o estudo sociolingüístico, ao abordarmos as diferentes conceituações sobre gêneros, o caráter dialógico da linguagem e os diferentes gêneros presentes na imprensa escrita, assim como o tratamento sociolingüístico dado a eles.

Abordaremos, também, questões como a ordem dos constituintes da oração (posição linear), definições sobre o chamado sujeito posposto, a metodologia da Sociolingüística para tratamento das ocorrências e análise dos dados, para, ao final, tecermos nossa conclusão sobre a relação posição do sujeito X concordância verbal.

Utilizaremos, para e por isso, como corpus, as colunas, noticiários, editoriais, entrevistas e cartas dos leitores – seções mais informais e subjetivas –, datados entre final de 2008 e início de 2010, dos jornais Folha de São Paulo, Jornal da Tarde, Notícias Já e Diário de São Paulo e das revistas Época, Istoé Gente, Aparecida e Malu Mulher – meios

² Vieira (1995)

de comunicação escritos, a princípio, de acordo com a norma prescrita pelos manuais e gramáticas tradicionais.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Subjacente a toda pesquisa lingüística existe alguma teoria que dá suporte às reflexões feitas. Assim, ao trabalharmos com a variação da concordância verbal diante da posposição do sujeito em gêneros escritos de imprensa, correlacionamos aspectos lingüísticos e aspectos sociais e, portanto, tomamos, como teoria de sustentação geral de nossa análise, a teoria da Variação e Mudança Lingüística ou Sociolingüística Quantitativa. Tal teoria norteará nosso trabalho e foi selecionada de acordo com o nosso objeto de estudo.

No próximo tópico, apresentamos as principais idéias da teoria Sociolingüística, bem como seus principais seguidores.

1. A Sociolingüística

A língua é um instrumento de comunicação entre os homens, portanto, um fator social. Se um indivíduo fala com o outro, utiliza-se da língua para interagir, transmitindo através de enunciados concretos e reais os pensamentos que estão em sua mente, a língua pode ser considerada um meio de comunicação e interação social. Desta forma, a língua, o homem e a sociedade estão relacionados intrinsecamente.

Cada grupo social possui sua “marca” lingüística. Adquirimos a linguagem em contato com o grupo social a que pertencemos. A língua sendo, portanto, um produto cultural, evolui, transforma-se em condições variadas.

Como nosso estudo se baseia nos princípios teóricos da “Teoria da Variação e Mudança Lingüística” (Weinreich, Labov e Herzog, 2006; Labov, 1972, 1983, 2008), trabalhamos com um pressuposto fundamental: a natureza variável da língua. Desta forma, a concepção de língua como um sistema heterogêneo é o ponto crucial desta teoria por nós adotada.

Até meados da década de 60, a língua era estudada a partir de algumas teorias que concebiam a homogeneidade como sendo uma de suas características³. Então, uma nova teoria, a Sociolingüística, veio para explicar a correlação entre língua e sociedade, fazendo investigações acerca da atuação do homem na estrutura lingüística – a língua é estudada através de seu uso real e concreto pelo indivíduo. Desta maneira,

“Muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança lingüística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada. Os fatos da heterogeneidade, até agora, não se harmonizaram bem com a abordagem estrutural da língua.”(Weinreich, Labov e Herzog, 2006, p.35)

³ Saussure defendia uma separação entre a *langue* e a *parole*, entre a lingüística sincrônica e a lingüística diacrônica. Bloomfield afirmava que a variação livre não sofre restrições e que a mudança fonética não podia ser empiricamente observada (Labov, 2008).

A sociolinguística estuda a inter-relação entre o sistema lingüístico e o uso social da língua. Para esta teoria, o sistema lingüístico, apesar de ter autonomia funcional, está submetido às influências da sociedade. Por isto, de acordo com o seu foco de estudo, ao buscar lugares de intersecção entre língua e sociedade, a Sociolinguística se encontra dividida em três grandes linhas de pesquisa:

1 – Etnografia;

2 – Mudança e Variação Lingüística;

3 – Sociologia da Linguagem (Pagotto, 2006).

Enquanto a Sociologia da Linguagem estuda a difusão lingüística numa comunidade e sua relação com o poder, a Etnografia e a Teoria da Variação e Mudança Lingüística buscam compreender o funcionamento lingüístico na sociedade.

O foco dos estudos pautados na variação e mudança lingüística está no reconhecimento dos fatores sociais que determinam o emprego e a utilização de determinadas formas lingüísticas, no uso de certas variantes lingüísticas. Neste cenário, o contexto comunicacional é de grande relevância, pois ele definirá o falante/usuário da língua, estabelecendo o “local” e as características sociais em que se dá a variação (que pode ser lexical, fonológica e sintática).

A idéia que está por detrás dos estudos sociolinguísticos é a de que a língua possibilita determinado uso lingüístico ao invés de outro, e este uso está intrinsecamente ligado a fatores extralingüísticos (contexto comunicativo, sexo do falante/usuário, grau de

escolarização, grau de formalidade e etc.). Estas várias formas de se dizer a mesma “expressão” lingüística são denominadas de variantes lingüísticas.

Contudo, esta variação na língua não é sinônimo de assistematicidade lingüística, pois o falante/usuário, ao fazer determinado uso lingüístico, consegue nos revelar as condições que determinam esta utilização. A interação que se encontra na variação lingüística está em consonância com a sistematicidade lingüística, o que vem possibilitar o perfeito entendimento entre os falantes/usuários da língua. Por isto, é preciso ressaltar que a variação lingüística não é vista pela Sociolingüística como um problema, mas como um fator constitutivo da língua.

A variação lingüística pode ser descrita a partir de dois parâmetros extralingüísticos: a variação geográfica (diatópica) e a variação social (diastrática). A primeira diz respeito às diferenças lingüísticas existentes entre determinados espaços físicos e a segunda está relacionada aos fatores identitários dos falantes (sexo, escolarização, religião, profissão, idade e etc.).

Portanto, a variação lingüística está intimamente ligada a fatores geográficos, sociais e históricos da língua, podendo ser influenciada, por exemplo, pela idade, sexo ou escolarização do falante/usuário. Já a adequação do falar à situação conversacional, ao contexto comunicativo, é denominada de variedade estilística, isto é o usuário/falante adequa seu uso de acordo com o ambiente em que se encontra, pois

“a cultura lingüística do falante, seu grau de escolaridade, sua profissão, sua faixa etária, pesam suficientemente sobre seus hábitos de linguagem, para que ele se autodiscipline mais, porque seu nível de fala é, afinal, a marca de sua própria cultura e personalidade. Mas nada o impede,

também, que seja sensível ao uso lingüístico dos grupos menos cultos, aos coloquialismos sintáticos e vocabulares (à própria gíria), que lhe permitam, nas interações mais familiares, ganhar recursos expressivos.” (Pretti, 2004, p.14)

Para nós, é incontestável a afirmação de que há variação lingüística e, assim, possivelmente, as línguas podem sofrer mudanças. Determinadas estruturas utilizadas hoje, podem não ser utilizadas num futuro próximo. A mudança lingüística deve ser compreendida como um possível resultado da variação lingüística, em que algumas formas podem ser anuladas, outras formas podem ser inseridas e algumas podem conviver lado a lado com suas variantes. Desta forma,

“The existence of variation and heterogeneous structures in the speech communities investigated is certainly well established in fact. It is the existence of any other type of speech community that may be placed in doubt”. (LABOV, 1972, p.203)

Portanto, a língua é um retrato social, cultural e histórico de uma sociedade e, por sabermos que esta sociedade é heterogênea, o uso lingüístico possibilitará a identificação das diversidades lingüísticas. Então, para a Sociolingüística, a visão de um sistema homogêneo, unitário e autônomo não existe, pois a variação não é algo exterior ao sistema lingüístico, mas “uma parte integral do caráter heterogêneo deste” (Labov, 1982, p.24)

1.1. A contribuição laboviana para o estudo da variação e mudança lingüística

Fazendo frente aos estudos saussureanos e bloomfieldianos, a Sociolingüística, um novo modelo teórico-metodológico de se conceber e estudar a língua, apareceu, trazendo como seu grande representante William Labov.

Nos estudos em Martha's Vineyard e na comunidade de fala de Nova York, Labov encontrou regularidades lingüísticas onde outros estudos mostravam variação livre e caos. Com estes estudos, conseguiu-se postular alguns princípios sociolingüísticos sobre as relações de variação estilística, estratificação social e avaliação subjetiva.

Labov (2008) fala que apesar da lingüística histórica ter percorrido um grande caminho, ainda há algumas áreas do estudo da mudança lingüística a ser estudadas. De acordo com o lingüista, os problemas centrais da variação e mudança lingüísticas se resumem, digamos assim, nas perguntas:

1 – Existe uma direção geral para a mudança lingüística?

2 – Quais são os condicionantes universais da mudança lingüística?

3 – Quais as causas do surgimento contínuo de novas mudanças lingüísticas?

4 – Por meio de que mecanismo as mudanças ocorrem?

A principal estratégia da lingüística histórica tem sido o estudo das mudanças completadas no passado e este estudo é a única abordagem possível às duas primeiras perguntas – direção da mudança lingüística e os condicionantes universais da mudança.

No tocante às outras questões – mecanismo da mudança, causas que provocam a mudança e as funções de adaptação da mudança – elas são analisadas sob a ótica da mudança lingüística em progresso, isto é, sob o ponto de vista sincrônico.

Um pressuposto essencial desta linha de estudo é a doutrina uniformitarista de que os mesmos mecanismos que provocaram mudanças em larga escala no passado, também estão provocando mudanças hoje.

A tarefa do estudo empírico das mudanças lingüísticas em progresso pode ser subdividida em três problemas distintos que, juntos, colaborarão para que cheguemos às perguntas levantadas anteriormente (Labov, 2008):

1 – *transição*: Deve-se traçar o maior número de estágios intermediários entre as mudanças, de modo a se chegar e conservar uma das principais alternativas. São aspectos ligados à transição: regularidade da mudança sonora, influência da gramática na mudança sonora, cadeias que avançam X cadeias que retrocedem, movimentos constantes X alterações descontínuas.

2 – *encaixamento*: O principal caminho para se chegar ao encaixamento se encontra no estudo das correlações entre sistema lingüístico e sistema não-lingüístico, dito social. Contextos lingüísticos que favorecem determinado tipo de mudança podem desencadear outras mudanças, podendo estabelecer relações em cadeia (Margotti, 2003).

3 – *avaliação*: Numa abordagem direta, tenta-se medir as reações subjetivas dos informantes em relação à variável lingüística estudada e, numa abordagem indireta, correlacionam-se as atitudes e aspirações do informante com seu comportamento lingüístico.

Para se fazer um estudo sociolingüístico adequado aos métodos labovianos, Tarallo (2002) descreve cinco etapas a que o pesquisador deve se ater:

- 1) levantamento exaustivo de dados;
- 2) descrição minuciosa da variável a ser estudada;
- 3) análise dos fatores que condicionam o uso desta variante;
- 4) análise das correlações entre o sistema lingüístico e o sistema social e
- 5) descrição histórica do uso da variável pela comunidade lingüística⁴.

Mas, a estas cinco etapas, devem somar-se os seguintes critérios apresentados por Labov (1983):

- 1- estabelecimento dos contextos em que ocorre o fenômeno estudado (a variável);

⁴ Comunidade lingüística aqui entendida como os falantes que compartilham uma mesma língua, num dado momento, e comunicam-se entre si (Dubois et alli, 1993).

2- compreensão das possibilidades de realização desta variável;

3- medição quantitativa dos fatores lingüísticos (internos) e extralingüísticos (externos) e

4- cruzamento entre os fatores, para que se chegue a um retrato mais fiel do fenômeno em estudo.

Contudo, não pode ser deixado de lado um pressuposto essencial, a doutrina uniformitarista (os mesmos mecanismos que operaram em mudanças ocorridas em larga escala do passado podem ser observados nas mudanças que ocorrem à nossa volta hoje) (Labov, 2008).

Portanto, partindo da concepção sociofuncionalista de Labov (1972, 1983, 2008), que tem como premissa básica a heterogeneidade lingüística sistematizável, reconhecer que há variação e mudança no uso da língua é pensar num estudo descritivo do Português Brasileiro (PB), tanto em sua modalidade falada quanto escrita, de modo a contribuir para sua sistematização. O caráter social da língua e a sua variabilidade são cruciais para o entendimento histórico e descritivo da natureza lingüística humana.

Desta forma, ao abordarmos a variação na concordância verbal, trazemos nossas contribuições aos estudos descritivos do português brasileiro, ao objetivarmos descrever a variação na escrita formal por meio do estudo de discursos concretos presentes nos gêneros de imprensa. E, ao utilizarmos como modelo teórico os pressupostos teóricos da Sociolingüística Quantitativa, trazemos como premissa básica de nosso estudo que a variação lingüística é condicionada tanto por fatores lingüísticos, como também por fatores extralingüísticos, ligados ao próprio falante ou à situação em que ele se encontra.

A ORDEM NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E A CONCORDÂNCIA VERBAL: UMA BREVE REVISÃO DE LITERATURA

Como nosso foco de estudo é a relação entre a posposição do sujeito e a concordância verbal, nesta seção trataremos de forma sucinta questões referentes à ordem dos constituintes oracionais e à concordância verbal, tanto do ponto de vista da gramática normativa, quanto do ponto de vista lingüístico. Comentaremos também as pesquisas realizadas em torno destes temas.

A seguir, traremos algumas informações, que consideramos relevantes, para o tema da Ordem.

1. A ordenação dos constituintes

Perini (2006) aponta que a associação de sintagmas em estruturas maiores forma a oração, isto é, um sintagma nominal (SN) junto a um sintagma verbal (SV) forma uma oração – sendo esta associação (SN + SV) a composição típica da oração: o SN que vem antes do verbo e com o qual o verbo concorda é chamado de sujeito. Podemos dizer que

“Os sintagmas têm coesão semântica e formal. Semântica porque nos dão a impressão de alguma coisa que “faz sentido”, e essa impressão pode ser

explicitada com certa clareza. E formal porque, em geral, podem ocorrer em determinadas posições sintáticas bem definidas, com função específica”. (Perini, 2006, p.100)

A Gramática Funcional (GF) prevê uma relação não-arbitrária fundamental entre o uso da língua (o funcionalismo lingüístico) e a sua sistematicidade estrutural (a gramática), isto é, a forma da língua é determinada pelo seu uso.

A GF não considera que somente uma descrição estrutural de uma língua seja suficiente para determinar sua expressão lingüística, mas entende que somente uma descrição que inclua as funções da língua, isto é o falante, o ouvinte e seus papéis dentro da situação comunicativa, possa realmente descrever seu uso real (Neves, 2001). Desta forma, “a gramática funcional visa a explicar regularidades dentro das línguas e através delas, em termos de aspectos recorrentes das circunstâncias sob as quais as pessoas usam a língua” (Neves, 2001, p. 22).

Os padrões de uma língua são motivados pelas funções comunicativas a que servem. Com isto, os funcionalistas admitem a existência de funções, ligadas à questão da ordenação dos constituintes, em todas as línguas. Estas funções dividem-se em três níveis: gramatical, textual e semântico, conforme apontado a seguir.

1.1. As funções gramaticais

Os funcionalistas Keenan e Comrie (1977 apud Kato, 1998), partindo de dados empíricos, conceberam a existência de uma hierarquia de funções gramaticais – se uma

dada língua usar uma determinada estratégica de realização em determinado local da hierarquia, esta língua usará a mesma estratégia em todas as outras realizações. Isto é, nesta língua os constituintes com mesmo valor sintático tenderão a se posicionar sempre em um mesmo local. Para esses autores, a hierarquia proposta para a ordenação oracional seria:

sujeito → objeto → objeto indireto → oblíquo → genitivo → comparativo

Esta ordenação é determinada e explicada pela facilidade/dificuldade no processamento da linguagem – orações iniciadas pelo sujeito seriam mais fáceis de serem processadas do que aquelas iniciadas pelo objeto direto.

Perspectivas funcionalistas como a de Keenan e Comrie atribuem o estatuto primitivo às funções gramaticais.

E, assim como os autores mencionados acima, (Keenan e Comrie, 1977 apud Kato, 1998), Pezatti & Camacho (1997) explicam que a idéia básica que a GF tem da ordem de constituintes é a de que os padrões manifestos nas línguas resultam de três forças principais, que interagem entre si:

“(i) a preferência por manter constituintes com a mesma especificação funcional invariavelmente na mesma posição estrutural; (ii) a preferência por atribuir certas posições específicas – particularmente, a posição inicial da oração – a certas categorias gramaticais e a constituintes na função de Tópico ou de Foco; (iii) a preferência por uma ordenação de constituintes da esquerda para a direita conforme o grau crescente de complexidade categorial: a posição mais favorável a um pronome é antes

de um SN e a de uma oração subordinada, após quase todos os demais constituintes.” (Pezatti & Camacho, 1997, p. 196)

1.2. As funções semânticas

Dentro das funções semânticas, estabelece-se que a ordem natural é o uso do agente precedendo o uso do paciente, pois em qualquer teoria gramatical a forma ativa é considerada primitiva (Kato, 1998).

Contudo há outras hierarquias de ordem semântica: definido antes do indefinido; humano antes do não-humano; animado antes do inanimado.

1.3. As funções textuais

A carga informacional de uma sentença pode ser organizada em duas partes: o foco e a pressuposição. A pressuposição é o conhecimento partilhado pelos falantes e o pano de fundo da sentença, enquanto que o foco corresponde à informação nova (Mioto, 2003).

A nível textual tem-se o consenso no uso do dado antes do novo; o tema antes do rema⁵; o mais pressuposto antes do menos pressuposto.

⁵ Tema, numa frase assertiva, é o sintagma nominal a respeito do qual se diz alguma coisa – o tema pode ser ou não o sujeito de uma oração (Dubois, 1993) Já o rema é o comentário, isto é, o que acrescenta algo novo ao tema, que dele “diz algo”, muitas vezes é chamado de predicado.

Portanto, dentro da perspectiva funcionalista, os padrões das línguas são resultado destas três funções, que interagem entre si, provocando o que nós denominamos de ordenação de constituintes de uma oração. Um exemplo de interação e integração entre as funções listadas acima se encontra quando o sujeito (função gramatical) ocupa freqüentemente a posição de tópico (função semântica). Nesta predileção de ordenação, o sujeito em posição inicial de oração, estaria explicada funcionalmente a descrição de ordenação de uma língua como SVO (Sujeito-Verbo-Objeto) – o sujeito antes do(s) objeto(s).

Desta forma, constituintes com mesmo valor funcional tendem a se manter numa mesma posição dentro da estrutura; certas posições, em especial a posição inicial da oração, são preenchidas por certas categorias sintáticas e a ordenação ocorre da esquerda para a direita, de acordo com a crescente complexidade das categorias (Kato, 1998).

A seguir, veremos como se dá a ordenação de constituintes no Português Brasileiro (PB) sob a ótica da gramática normativa e de alguns estudos que trabalham o tema da ordem.

2. A Ordem no Português Brasileiro (PB)

Na Gramática Tradicional (GT), a ordenação de constituintes é vista sob o nome Sintaxe de Colocação, sendo uma maneira de disposição dos termos dentro de uma oração e das orações dentro do período. (Bechara, 2006).

A colocação, de acordo com a GT, obedece a ordens variadas, mas o maior responsável pela ordem é a entonação gramatical, assim:

“A colocação, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser entoação oracional”. (Bechara, 2006, p. 464)

Quando a ordem não obedece à ordem básica SVO, ela é chamada de inversa. A anástrofe é a ordem inversa que vai de encontro à norma básica – De teus cabelos o cheiro lembro eu neste momento. O hipérbato⁶ ocorre quando a colocação dos constituintes na oração dificulta a compreensão da mensagem – “a grita se levanta ao céu da gente⁷”, ao invés de a grita da gente se levanta ao céu. Já, quando o deslocamento cria ambigüidades, é chamada de sínquise – “Abel matou Caim”. (Bechara, 2006, p. 464)

Vários estudos, desde a década de 80, vêm investigando questões específicas a respeito da ordenação de constituintes no Português Brasileiro (PB). O trabalho de Pontes (1986) foi pioneiro nestas investigações e, desde então, as linhas apontam para uma mudança paramétrica: o português brasileiro está se tornando uma língua pro-drop⁸, isto é, está se transformando em uma língua de sujeito obrigatório, à medida que tende a preencher lexicalmente a posição do sujeito pronominal (na maioria das vezes a posição anteposta).

⁶ Inversão da ordem natural, da posição linear, entre os termos da oração.

⁷ Exemplos retirados de Bechara (2006), todos eles coletados de obras literárias.

⁸ Termo utilizado por Menuzzi (2003).

Com relação à questão do preenchimento do sujeito, Modesto (2005) nos fala que as línguas em que a flexão verbal resgata a referência de sujeito são chamadas de línguas de flexão rica e afirma que esta propriedade, flexão rica, é muito difícil de ser identificada com clareza, sendo que a maior parte dos pesquisadores concebem o termo rico no sentido de morfologia verbal suficiente para não ocasionar informação ambígua sobre número e pessoa do sujeito.

O autor ainda sustenta que se considerássemos somente a flexão verbal como justificativa para a presença, ou não, de sujeitos nulos, teríamos de considerar a questão do chinês, língua que licencia sujeitos nulos e não apresenta flexão verbal, e do português brasileiro (PB), que licencia sujeito nulo apenas em alguns contextos sintáticos e apresenta a chamada flexão pobre.

Kato (2002), contudo, afirma que o que possibilita o licenciamento de sujeito nulo no português brasileiro é a identificação por antecedência e não por flexão de concordância.

Entretanto, apesar de a Ordem SVO ser a estrutura predominante no PB, há outras estruturas variantes que co-ocorrem, em menor frequência, como as estruturas VSX, XVS, VXS e VS⁹. Por exemplo:

(1) VSX: “**Foram apreendidos** R\$ 23 mil na casa da namorada dele.” (Diário de São Paulo)

(2) XVS: “A essas conclusões **chegou** a professora Lina Maria Braga Mendonça, autora da pesquisa “Experiências de fronteira: os meios digitais em sala de aula”, defendida

⁹ A letra “X” é utilizada, dentro de nossa análise, para simbolizar os complementos, adjuntos e objetos que podem ser encontrados nestas posições da oração.

recentemente no curso de mestrado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).” (Jornal da Tarde)

(3) VXS: “Com a tragédia em Rio Claro, **subiu** para 78 o número de mortes em consequência de chuvas desde o início da Operação Verão em 1º de dezembro. (Notícias Já)

(4) VS: **Passeiam** o diretor-geral, Octávio Florisbal, o de entretenimento, Manoel Martins, e o comercial, Willy Haas. (Folha de São Paulo)

Se considerarmos as orações afirmativas com verbos transitivos, de certa forma, estaremos colaborando com a idéia de que no português brasileiro prevalece a ordem SVO. Sabemos que esta ordem tem valor sintático e semântico, pois se mudarmos a ordem dos constituintes da oração, mudaremos o sentido também. Por exemplo:

(5) O homem empurrou o carro. – esta oração, que segue a estrutura SVO, assegura que quem empurrou o carro foi o homem;

(6) O carro empurrou o homem. – já, nesta frase, ao deslocarmos o objeto para a posição inicial de sentença, mudamos completamente o sentido que nos foi passado pela primeira oração. Na oração acima foi o carro que empurrou o homem e na anterior foi o homem que empurrou o carro.

(7) Empurrou o homem o carro. – agora, não sabemos quem empurrou o quê, pois como todos os SNs estão pospostos ao verbo e ambos estão no singular, e o verbo, de certa forma, concorda com todos, fica-nos difícil caracterizar quais são o sujeito e o objeto desta oração.

Os exemplos acima mostram que a inversão da ordem SVO no PB é possível, mas o contexto semântico deve ser assegurado, de modo que a interpretação seja correta. Pontes (1987) ressalta que o uso da língua é sempre um “uso inteligente e não mecânico” e que, quando não há falta de compreensão, a inversão pode ocorrer, mesmo em orações transitivas, sendo que a ordem SVO existe para assegurar a comunicação.

Neste sentido, podemos considerar que o falante/usuário da língua utiliza as regras na medida em que elas são necessárias, visto que ele não é um ser autômato, utiliza-se, sem prejuízo de interpretação, de todos os recursos que a língua lhe dá, muitas vezes para conseguir se um efeito extra.

Mattoso Câmara Jr. (1975) observou que a inversão de estrutura no PB pode ocorrer quando o objeto direto não se opõe, pela colocação, ao sujeito, ou quando o objeto direto, por ser em mesmo número do sujeito e se encontrar na posição deste, não fazer entrar em ação a concordância verbal, o que causaria má interpretação. Por isto, de acordo com o autor, a frequência de inversão se dá com: a) verbos intransitivos e b) verbos transitivos, mas com sujeito e objeto em número diferente, como nos exemplos abaixo:

(8) E **existe** uma certa confusão com jornalismo policial, que é quem acompanha o trabalho da polícia. (Jornal da Tarde, 01/03/2010, gênero entrevista) – oração com verbo intransitivo;

(9) **Esperava** eu notícias tuas. – oração com verbo transitivo.

2.1. A ordem SVO e suas inversões vistas pelo viés de alguns gramáticos tradicionais

Epiphanyo Dias (1959) traz uma descrição sistematizada de quando o verbo ocorre antes do sujeito:

- Nas orações principais que designam o discurso de outrem, o sujeito vai para depois do verbo:

(10) “A lição mais evidente, **diz Mansur**, é que o custo da prevenção é uma fração do que custará reconstruir o Estado” (Época, 01/12/2008, gênero Notícia).

- Quando uma oração interrogativa direta começa pela expressão interrogativa e esta não encerra o sujeito, pospõe-se o sujeito ao verbo:

(11) “Como **é o seu reinado?**” (Revista Aparecida, 06/2009, gênero coluna)

- Quando o sujeito é um nome não precedido de artigo definido, pospõe-se aos verbos existir, aparecer, ocorrer e aos de significado semelhante e aos verbos de sentido passivo:

(12) “**Existem escolas de classe média** que pagam dez mais que outras” (Jornal da Tarde, 01/03/2010, gênero entrevista).

- Quando os pronomes isto, isso, aquilo, o mesmo, este, esse, aquele, o mesmo (com os seus substantivos) sendo complementos do predicado, vão para a posição inicial de oração, ficando o sujeito em posição posposta ao verbo:

(13) “O mesmo gesto **fez ele** para a funcionária que estava no caixa do supermercado” (Diário de São Paulo, 25/03/2010, gênero notícia).

- Quando o predicativo se coloca enfaticamente antes do verbo, o sujeito vai para depois deste:

(13) “Pequena é **a disponibilidade do mercado!**” (Jornal da Tarde, 01/03/2009, gênero cartas)

- O sujeito de uma oração infinitiva não precedida de preposição pospõe-se naturalmente ao infinitivo de verbos intransitivos ou passivos e nos tempos compostos pode ir depois do auxiliar:

(15) “**Não pode ser cobrado tudo aquilo** que já está embutido no serviço.” (Jornal da Tarde, 01/03/2009, gênero cartas)

- Quando aos verbos deixar, fazer, mandar, ouvir, sentir e ver se liga, no infinitivo, um complemento direto destes verbos:

(16) **Fez parar** o cavalo **o cocheiro**.

Por fim, cabe sinalizar que para o autor (Epiphanyo Dias, 1959) a ordem SVO é a mais simples (sem ênfase).

Já Sousa da Silveira (1960), ao apresentar regras semelhantes às de Epiphany, fala que a ordem direta, SVO, se impõe quando o infinitivo tiver objeto, predicativo ou complemento circunstancial. Isto é, os dois autores apresentam que a estrutura VS é encontrável diante de verbos intransitivos e transitivos, mas está restrita ao completo e perfeito entendimento da oração.

Cunha (1976) considera a ordem SVO com sendo a ordem direta e predominante do PB. E assim ressalta que as inversões estilísticas têm por finalidade realçar o sujeito da oração. Mas assinala que a ordem indireta é sensível perante orações declarativas, afirmativas ou negativas, sendo que nossa língua permite inversões na ordem com mais facilidade que outras, às vezes parecendo ser uma exigência gramatical, isto é, a inversão, dependendo do verbo e do tipo de frase, se torna, às vezes, obrigatória, como veremos a seguir:

Gladstone Chaves de Melo (1976) assinala a obrigatoriedade de posposição do sujeito ao verbo em orações explicativas, intercaladas ou finais, como em:

(17) “Toda unanimidade é burra, **dizia o escritor**” (Diário de São Paulo, 25/03/2010, gênero coluna).

Sendo obrigatória também a posposição em orações interrogativas iniciadas por pronomes interrogativos:

(18) “A propósito, quando **vêm os repórteres?**”¹⁰ (Folha de São Paulo, 28/05/2010, gênero notícias),

¹⁰ Ataliba (2010) explica que utilizamos pronomes interrogativos, ou “formas Q”, para obtermos informações, isto é, para perguntarmos – e o pronome interrogativo “quando” substitui o constituinte desconhecido da sentença nas perguntas sobre tempo.

e em casos de voz passiva:

(19) “**Recomenda-se roupas bem leves** para os dias de calor¹¹” (Notícias Já, 26/02/2010, gênero coluna).

2.2. O estudo da ordem realizado por lingüistas

Bittencourt (1979) assinala a importância da transitividade verbal para distinguir os contextos em que a ordem VS é possível, pois, segundo a autora, os verbos intransitivos e de ligação favorecem a ocorrência deste tipo de estruturas.

Lira (1982) aponta que verbos de ligação e intransitivos, utilizados juntamente com o sujeito nominal, favorecem o uso de estruturas VS.

Pontes (1986) assinala para a baixa frequência de estruturas VS no Português Brasileiro e, ao investigar a posposição do sujeito, concluiu que o Sintagma Nominal (SN) posposto possui mais características de objeto do que de sujeito.

Berlinck (1989, p. 97) mostra, em corpus diacrônico escrito, uma gradação no uso de SNs Sujeitos Pospostos dos séculos XVII a XX:

¹¹ Há que se afirmar, contudo, que existem controvérsias sobre o valor passivo de sentenças como esta que foi exemplificada. Pois, de acordo com Castilho (2010, p.480-481), “os reflexiVOS estão perdendo seu traço de pessoa(...). A perda de traços do pronome se, que culminará com seu desaparecimento (= grau final da gramaticalização), trouxe variações na estrutura passiva pronominal: (i) seu sentido passivo ficou comprometido, surgindo em seu lugar o sentido de indeterminação do sujeito; (ii) desapareceu a concordância do verbo com o sujeito passivo, agora reanalisado como objeto direto; lembre-se que essa concordância era importante, pois indicava o sujeito passivo da sentença”. Contudo, Castilho (2010, p.481) ainda chega a afirmar que “a interpretação passiva (e conseqüentemente a concordância do verbo com o sintagma nominal no plural) se mantém apenas no estilo formal” – o que nosso exemplo (19), retirado de nosso corpus, mostrou que nem no estilo formal está mais se respeitando esta regra de concordância.

“Esses resultados têm, naturalmente, “dois gumes” e é necessário que ambos sejam considerados quando se fala em mudança. Se os percentuais indicam a diminuição da ocorrência V SN, também revelam, por oposição, o aumento da frequência de SN V. Observa-se assim, um progressivo ‘enrijecimento’ da ordem SN V, que começa a dominar, aos poucos, os contextos antes divididos com V SN.” (Berlinck, 1989, p. 97)

No item a seguir, tecemos reflexões sobre a concordância verbal, tentando relacionar este tema com a questão da ordem dos constituintes. Para isto, trazemos comentários de lingüistas, estudiosos da linguagem e gramáticos.

2.3. A noção de sujeito e a inversão da ordem

Vimos acima que as categorias sujeito e objeto são de suma importância para as relações gramaticais numa dada construção. Por isto, cremos que a realização de uma descrição do funcionamento lingüístico só pode ser considerada tendo por base as funções sintáticas, que se identificam com a posição linear¹² na oração. Contudo, não podemos perder de vista que as funções sintáticas são relações de natureza abstrata, relacionando um sintagma nominal com o verbo. Por exemplo:

¹² Este termo, adotado por nós, é de Perini (2006) e se refere à ordenação dos constituintes de uma oração. Neste sentido, sempre que utilizarmos este termo, estamos nos referindo à questão da posição dos constituintes oracionais.

(20) Também **sofreu alteração o valor em relação a propriedade de bens**, que passa a ser de R\$300 mil, ou seja, só está obrigado a entrega quem tiver bens em valor superior. (Jornal da Tarde, 01/03/2010, gênero cartas)

(21) **O valor em relação a propriedade de bens**, que passa a ser de R\$300 mil, também **sofreu alteração**, ou seja, só está obrigado a entrega quem tiver bens em valor superior.

Se considerarmos somente a posição linear, o sintagma “o valor em relação propriedade de bens” teria funções sintáticas diferentes, já que a ordenação nas construções difere. Mas, de acordo com uma concepção mais abstrata, “o valor em relação à propriedade de bens” teria a mesma função (sujeito) nas duas frases, pois existe uma relação entre este SN e o verbo, e esta relação se mantém mesmo quando a ordenação varia.

Da relação abstrata derivariam outros aspectos semânticos e formais, como, por exemplo, o papel temático, a ordenação sintagmática e etc. Mas, segundo uma concepção tradicional, a função sintática seria a identificação do papel temático de um sintagma (Perini, 2008).

A noção de sujeito em português tradicionalmente, de acordo com Perini (2008, p. 105), é motivada pela descrição dos seguintes fenômenos: “a atribuição de papéis temáticos aos diversos SNs da oração; a concordância verbal; e a distribuição de itens com eu, em oposição a me”. (Perini 2008, p. 105)

Dentro desta perspectiva não precisaríamos considerar a relação abstrata entre o SN e o verbo se a oração se encaixasse dentro destes atributos. Na oração “O pernilongo me picou”, “o pernilongo” é o agente, há a interpretação do papel temático de paciente em me (eu) e picou concorda com o agente da oração, o sujeito “pernilongo”.

Fica evidente que se uma oração não se enquadrar nos atributos acima seria muito difícil para o usuário da língua determinar o que seria o sujeito da oração e, diante disto, Perini (2008, p. 108) estabeleceu uma regra mais complexa para a identificação do sujeito:

“Condição prévia: O sujeito é um SN cuja pessoa e número sejam compatíveis com a pessoa e número indicados pelo sufixo de pessoa-número do verbo.

Se na oração só houver um SN nessas condições, esse SN é o sujeito.

Se houver mais de um SN, então o sujeito é o SN que precede imediatamente o verbo.

Mas se o SN em questão for um clítico (me, te, nos, se), ele não conta, e o sujeito é o SN precedente”. (Perini, 2008, p. 108)

Mas, o autor, ressalta que as regras só valem em contextos de sequência formal, isto é, seguindo a ordenação sujeito-verbo-objeto (SVO) e que para outros tipos de ordenações, que são o foco de nossa pesquisa, ou períodos compostos seriam necessárias outras formulações.

Na perspectiva de Perini (2008), o que nos vale é a assimetria entre as funções de sujeito e objeto, visto que o sujeito participa de uma relação de concordância com o verbo, da qual o objeto não participa.

Por sua vez, Pontes (1986) declara que o que pode atrapalhar a caracterização do sujeito de uma oração pelo falante da língua é haver sujeito e tópico concomitantemente no período, pois há construções onde encontramos claramente o tópico, mas não conseguimos identificar o sujeito e cita como exemplo a seguinte oração:

(22)Esse rádio estragou o ponteiro.

No exemplo acima, de acordo com a autora (Pontes, 1986), “esse rádio” é o tópico porque está no início de sentença e vem seguido de um comentário¹³. Entretanto, “estragou” não tem nenhum tipo de vínculo com “esse rádio”, pois “esse rádio” é o paciente e o verbo “estragou” exige um sujeito agente.

Para Pontes (1986), as duas principais características superficiais do sujeito são a posição (o SN que ocorre antes do verbo) e a concordância, sendo que a relação semântica é secundária, mesmo em sentenças do tipo SVO. Mas, ao se referir às relações semânticas, Pontes (1986) afirma que o lugar para se expressar um SN agente é pré-verbal e se este lugar não for ocupado pelo agente, o agente não poderá ocupar outra posição.

Desta forma, o objeto estará em posição pós-verbal se houver um sujeito agente e, caso não haja, o objeto pode aparecer topicalizado, mas não na primeira posição antes do verbo. A configuração sintática seria: o verbo como centro da oração, o sujeito à esquerda e o objeto à direita.

¹³ O comentário corresponde ao predicado – o verbo, seus complementos e adjuntos (Viotti, 2002).

3. O sujeito posposto

Sabe-se que a posição do sujeito tem a ver com seu estatuto informacional e sua carga informacional (Pontes, 1986; Perini, 2008).

Perini (2008) aponta que as restrições sobre a posposição do sujeito independem da valência do verbo, pois, segundo o autor, o sujeito posposto sofre restrições relacionadas à ocorrência de pronomes pessoais. Assim, diante de SN pleno, o sujeito ocorreria normalmente, mas como sujeito pronominal só seria aceitável em determinados contextos como demonstrado abaixo:

(23) Disse o pesquisador da Coppe.

(24) O pesquisador da Coppe disse.

(25) (???) Disse ele.

A frase acima só se enunciaria em contextos como:

(26) Para evitar tragédias como a de Santa Catarina, **disse ele**, o Brasil precisa planejar a ocupação das regiões. (Revista Época, 01/12/2008, gênero noticiário)

Pensando como Perini (2008), poderíamos dizer que o sujeito seria o SN que é identificado pelo sufixo de pessoa-número do verbo e que ocorre em determinadas posições na oração, detectáveis a partir das valências verbais:

(27)**Existem** cerca de **100 milhões de brasileiros** que não contam com esgoto e 34 milhões que não dispõem de abastecimento regular de água, é algo inaceitável. (Jornal da Tarde, 01/03/2010, gênero editorial)

No exemplo acima, o sujeito se encontra posposto, mas é facilmente detectado, pois, seguindo o pensamento de Perini (2008), o verbo concorda em número e pessoa com o SN pós-verbal.

Pontes (1986), sintetizando os resultados de sua pesquisa, apontou que a posposição do sujeito ocorre em orações:

- Infinitivas:

com verbos intransitivos ou passivos:

(28)Declarou estarem todos errados.

(29)Disse ter sido o menino enganado.

dependentes de verbos causativos, sensitivos, permissivos (deixar, mandar, ver, sentir, fazer, ouvir):

(30)Deixa cair de seu manto estas sugestões que me aniquilam.

- Independentes, com verbos como existir, aparecer, ocorrer, etc.:

(31)Próximo existe pequeno belvedere.

- Quando algum elemento da oração, que não o sujeito, ocorre na primeira posição da S (como tópico):

* Interrogativas com pronome:

(32) Onde estão meus convivas e as flores de antanho?

* Topicalizações (de objeto, predicativo, ou outro):

(33) Isto diz ele.

(34) Mentiroso é você!

* Relativas:

(35) Onde repousam as cinzas dos grandes do segundo reinado.

Aqui também se podem considerar casos menos freqüentes, como o das exclamativas e optativas.

- Com verbos reflexivos de sentido passivo:

(36) Desfaz-se, com o mistério uma antiga aliança, um rito da cidade.

- Nos participípios absolutos:

(37) Encurralados todos a serra do Curral, os moradores.

- Em orações intercaladas (ou finais) do tipo:

(38) E me dói a cabeça, diz alguém.

A autora, assim como Bittencourt (1979), confirmou que, tanto em textos escritos quanto em textos orais, a freqüência de posposição de sujeito é mais significativa com

verbos intransitivos. E, dentre os verbos intransitivos, a incidência é muito maior com verbos existenciais ou apresentativos.

Pontes (1986) reconhece que o mais significativo na posposição de sujeito é a classe de verbos (intransitivos) e que as regras gramaticais para esta posição pós-verbal do sujeito só têm aplicabilidade necessariamente na escrita, visto que estas construções dificilmente ocorrem na fala.

A autora considera que as relativas e interrogativas são topicalizações, uma vez que apresentam um elemento no início da sentença que não é o sujeito. E, ainda se referindo à posposição do sujeito, ela afirma que este fenômeno acontece quando um elemento na oração se torna mais tópico que o sujeito, o que explicaria o porquê da posposição ocorrer em orações topicalizadas de modo geral.

Já o que explicaria a posição pós-verbal do sujeito em orações existenciais, que não têm tópico, é o fato de que o SN sujeito não é o tópico da construção, pois carrega informação nova e, por isto, vem ao final da sentença. Este SN não é só posposto ao verbo, ele vem freqüentemente nesta posição.

Contudo Pontes (1986) segue assinalando que nas línguas indo-européias o sujeito é também o tópico da oração e quando outro elemento é topicalizado, o sujeito perde seu status:

“qual é o status do sujeito em português? Por que continuamos a considerar como sujeito o SN que ocorre depois do verbo, apesar deste SN ter características bem diversas das do sujeito numa S como O João quebrou o copo?” (Pontes, 1986, p. 35)

Kato (1999) salienta que o PB falado possui um comportamento variável em relação à inversão sujeito-verbo, de forma que, quanto mais argumentos à direita, menos aceitável a sentença se torna.

A autora ainda afirma que os estudos realizados acerca da inversão atestam que o único verbo ainda produtivo para esta ocorrência é o inacusativo, que parece aceitar essa ordem de forma irrestrita.

Já Kato & Tarallo (1993) ao estudarem o comportamento da inversão no PB deram o nome de “restrição de mono-argumentalidade” ao comportamento dos verbos de um argumento e atribuíram este comportamento à perda do sujeito nulo referencial e do clítico acusativo de terceira pessoa no PB.

A restrição da mono-argumentalidade possibilita que o sujeito seja posposto ao verbo, isto é, o sujeito pode ser posposto se houver na sentença verbos de um argumento, como os inacusativos e os intransitivos, por exemplo:

(39) Não **existe** nada pior nessa profissão do que denunciar a banda podre da polícia.
(Jornal da Tarde, 01/03/2010, gênero entrevista)

Os verbos

“inacusativos são verbos como existir, aparecer, chegar, surgir, cair, etc., cujo sujeito superficial possui várias propriedades semânticas e gramaticais características dos objetos verbais, entre as quais a de ter um papel temático não agentivo. (...) Na literatura funcionalista, a terminologia de referência aos verbos inacusativos é mais variada, sendo

eles ora chamados de existenciais, ora apresentativos, etc.” (Menuzzi, 2003, p .8)

De acordo com Bechara (2006, p. 33), os verbos intransitivos são aqueles que não exigem complemento verbal e possuem significação completa; são exemplos de verbo intransitivo: “dorme, caminha, desceu, chove”. Contudo o autor assinala que é o emprego na oração que assinalará se o verbo em questão é intransitivo.

Luft (2002, p. 60) sustenta que os verbos intransitivos são aqueles que possuem significação completa, não necessitando de um complemento para lhes dar sentido. Assim como Bechara, o autor ressalta que a transitividade e a intransitividade verbal manifestam-se alternadamente no discurso, isto é, os verbos transitivos podem ser usados intransitivamente – por omissão do objeto (“**Enxergo** muito bem”; “O menino já **lê**”)– e os verbos intransitivos podem se usados transitivamente – anexando-lhes um substantivo de mesma raiz ou de traço semântico comum (“**Viver** uma **vida** pacata”; “**Morrer** de **morte** natural”).

A maioria dos trabalhos que pesquisam o comportamento do sujeito no PB segue a restrição da mono-argumentalidade (Bittencourt, 1979; Pontes, 1986 e etc.). Contudo, Pilati (2002) fornece exemplos em que o verbo apresenta um argumento interno realizado e um sujeito pós-verbal, revelando a ordem VOS.

Segunda a pesquisadora, a estrutura VOS divide-se em três grupos:

1. sentenças com verbo transitivo em que o sujeito não é modificado por um operador foco, como em:

(40)**Merece** destaque a nova seção deste jornal. (Notícias Já, 26/02/2010, gênero notícia)

2. sentenças com verbo transitivo em que o sujeito é modificado por um operador foco, como ocorre em:

(41) “Também **sofreu** alteração o valor em relação a propriedade de bens, que passa a ser de R\$300 mil, ou seja, só está obrigado a entrega quem tiver bens em valor superior. (Jornal da Tarde, 01/03/2010, gênero cartas)

3. sentenças com verbo-leve¹⁴, como em:

(42) **Provocou** surpresa a taxa de juros deste mês. (Folha de São Paulo)

A pesquisa de Pilati (2002) mostra que a restrição da mono-argumentalidade não pode ser vista como o único fator desencadeador da posposição do sujeito e que em sentenças apresentativas a inversão ocorre sem restrições quanto ao tipo de verbo e definitude do sujeito posposto (presença/ausência de artigo definido). Dependendo da função sintática e semântica, o sujeito pode se posicionar pós-verbalmente, independentemente de ser definido ou não, e de o verbo apresentar um ou mais argumentos realizados fonologicamente.

Entretanto, também podemos perceber que há um grau forte de integração entre o objeto e o verbo, constituindo, quase, uma unidade. Se pensarmos por este ângulo, essa unidade estaria atuando como um verbo mono-argumental.

¹⁴ Os verbos leves são semanticamente vazios, se associam a um elemento nominal, que se torna responsável pelo significado principal da sentença. (Pilati, 2002). Neves (2000) chama de verbo-suporte o que Pilati (2002) denomina como verbo-leve e explica que este tipo de verbo possui significado esvaziado, que forma com seu complemento um significado global, que corresponde geralmente a um outro verbo.

A seguir, tecemos reflexões sobre a concordância verbal, tentando relacionar este tema com a questão da ordem dos constituintes. Para isto, trazemos comentários de lingüistas, estudiosos da linguagem e gramáticos.

4. A Concordância Verbal

A concordância verbal (CV) se mostra como um exemplo característico de variação lingüística, pois tanto os gramáticos tradicionais, quanto as pesquisas acerca do tema trazem as inúmeras situações em que pode ou não haver a CV.

A partir disto, tentaremos mostrar, mesmo que de maneira sucinta, como alguns gramáticos e lingüistas tratam o tema. No próximo tópico trazemos a CV sob a perspectiva da gramática tradicional, para a seguir mostrarmos a CV sob a luz da lingüística e de suas pesquisas.

4.1. A Concordância Verbal sob a perspectiva da Gramática Tradicional

A Gramática Tradicional estabelece, como regra quase categórica, que o verbo deve concordar em pessoa e número com o sujeito da oração. Entretanto, admitem-se casos de variação no estabelecimento da CV.

Said Ali (1965, p.279) conceituou a concordância da seguinte maneira:

“Consiste a concordância em dar a certas palavras flexionáveis as formas de gênero, número ou pessoa correspondentes à palavra que no discurso se referem (...) A concordância não é, como parece à primeira vista, uma necessidade imperiosamente ditada pela lógica. Repetir num termo determinante ou informativo o gênero ou pessoa já marcados no termo determinado de que se fala, é antes de tudo uma redundância”. (Said Ali 1965, p. 279)

Neste sentido, o usuário da língua teria que flexionar ao longo de seu texto todos os determinantes, estando eles de acordo com o elemento determinado, o que o autor chama de redundância.

Contudo, Said Ali (1966) traz algumas regras e exceções a serem consideradas sobre a CV:

- O verbo vai para o plural com sujeitos compostos que se achem ligados pela conjunção E (expressa ou omitida):

(43) “**A mãe e a filha entraram** no carro¹⁵” .

Entretanto, quando se enuncia primeiro o verbo e depois os diversos sujeitos no singular, o verbo pode ser empregado tanto no singular, quanto no plural:

(44) “**Morreram (morreu)** o piloto e o maquinista”;

¹⁵ Exemplos retirados de Said Ali (1966)

- Na determinação de horas, datas e distâncias o verbo ser concorda com a expressão numérica:

(45) “**São três** horas”;

(46) “**É uma** hora”;

- Não se flexiona o verbo haver, empregado no sentido de existir, mesmo que ele venha junto a um nome no plural:

(47) “**Há homens** neste mundo difíceis de contentar”.

O autor (Said Ali, 1965), contudo, afirma que as regras não são fórmulas que atuam rigorosamente e isto pudemos notar ao vermos que junto às regras de concordância verbal unem-se exceções referentes ao seu uso.

De fato, a dificuldade começa quando a forma variável (a flexão) pode se aplicar ou não aos termos associados, visto que a concordância não se aplica a todos os casos e não tem o rigor das fórmulas matemáticas e, em alguns casos, duas formas de concordância se contrariam.

Bechara (2000) considera que a concordância adapta os determinantes em gênero, número e pessoa à palavra determinada, existindo dois tipos de concordância: a concordância nominal e concordância verbal.

A concordância, segundo o autor, pode ocorrer de palavra para palavra – ocorrendo de forma total com o(s) sujeito(s) coordenado(s) ou de forma parcial com o sujeito mais próximo ao verbo:

“1. Sujeito simples

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

‘A vida tem uma só entrada: a saída é por cem portas’.

‘Povo sem lealdade não alcança estabilidade’.

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

‘Os bons conselhos desprezados são com dor comemorados.’

‘A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios corrompem.’

2. Sujeito composto

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

‘(...) os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes haviam feito incríveis progressos.’

‘Repeti-as, por que se me ofereciam vida e honras a troco de perpétua infâmia.’” (Bechara, 2006, p. 430)

Contudo, o autor ressalta que há ainda a concordância de palavra para sentido, chamada de silepse ou *ad sensum*¹⁶, e a concordância do verbo no singular, que é a mais corrente na língua atualmente, pois a concordância ocorre, na maioria das vezes, com o núcleo mais próximo, principalmente quando o sujeito se encontra após o verbo.

¹⁶ Neste tipo de concordância, devido a seu conteúdo semântico de pluralidade, o verbo pode ser levado ao plural, mesmo que este esteja mais afastado do substantivo em questão.

Para Rocha Lima (1997) a concordância está sob duas tensões: de um lado está a gramática, de outro se encontra a criatividade do usuário da língua. Assim, por mais que existam normas prescritivas, a concordância depende do usuário para ser estabelecida.

Ao longo deste tópico, vimos que os gramáticos aceitam, de certa forma, que em certas situações a concordância pode não ser realizada. Nossa intenção foi mostrar o caráter variável da concordância verbal ao refletirmos sobre as regras e exceções ditadas pelos gramáticos.

Agora, para completar nosso estudo sobre a questão da concordância verbal, achamos necessário trazer, a seguir, os comentários de alguns lingüistas sobre o tema.

4.2 A concordância verbal à luz da Lingüística

Os estudos lingüísticos brasileiros apresentam a concordância verbal como um fenômeno morfológico e sintático: morfológico por fazer uso de morfemas e sintático poder indicar as relações gramaticais entre o sujeito e o verbo. Sendo, portanto, a CV caracterizada como um fenômeno morfossintático; a morfologia flexional indicará o número, a pessoa, o tempo e o modo do verbo.

Câmara Jr. (1975) assinala que no latim a concordância era meramente um “mecanismo sintático”, que associava os elementos da frase. Tal concepção de concordância se estendeu para a Língua Portuguesa, sendo utilizada para designar a relação gramatical entre as palavras determinantes e as palavras determinadas dentro de um sintagma verbal e/ou nominal. Assim, temos dois tipos de concordância na Língua

Portuguesa, a concordância nominal – entre artigo, adjetivo e substantivo e a concordância verbal – entre sujeito e verbo.

O autor ainda aponta que tanto a concordância nominal quanto a verbal estão sujeitas à silepse. Isto é, a concordância pode ser feita somente com o membro mais próximo da seqüência de substantivos coordenados ou com a idéia de plural.

Sobre a concordância, Câmara Jr. (1978) pontua que, de acordo com este princípio, o determinante se adequa a certas categorias do verbo. Na Língua Portuguesa, por exemplo, o sujeito deve concordar em pessoa e número com o verbo e a desinência número-pessoa é a “expressão do sujeito” (“-mos”, por exemplo). Mas o pronome pessoal sujeito, quando expresso junto à desinência número-pessoa do verbo e ao número do substantivo, é uma redundância. Desta maneira, ao falarmos “pulamos”, a desinência “mos” indica que mais de uma pessoa pulou; assim, se falamos “Nós pulamos”, estamos reforçando a expressão do sujeito, que já foi afirmada pela desinência número-pessoal do verbo, e fazendo uma redundância verbal.

O autor ainda esclarece que a concordância verbal se dá com o sujeito, seja ele presente ou oculto. Vista desta maneira, a CV se torna um elemento fundamental para se indicar o sujeito de uma oração. Especificamente acerca da concordância verbal Câmara Jr. afirma que:

“A concordância verbal é só o que assinala em português um substantivo como sujeito; a sua falta nas orações impessoais como as formadas com o verbo haver (ex.: há homens) ou, por vulgarismo como um verbo médio-passivo (ex.: aluga-se pianos) é uma consequência da impessoalidade da frase”. (Câmara Jr., 1978, p. 77-78).

Perini (2001, p.187), quando define a concordância verbal, procura esclarecer acerca da função sintática que permeia a concordância verbal. Para ele, a concordância verbal “compreende basicamente alguns procedimentos que rotulam certos sintagmas, atribuindo-lhes funções sintáticas. A concordância verbal limita-se a atribuir funções aos SNs de nível oracional.”

Considerando a concordância verbal nosso objeto de estudo, podemos afirmar que este fenômeno tem sido muito estudado no Brasil, especialmente sob o suporte teórico-metodológico da Sociolingüística.

No âmbito da Sociolingüística Variacionista, a CV se mostra como um caso de variação no PB falado¹⁷ e, como trataremos mais a frente, que atinge, aos poucos, a escrita formal, no nosso caso, os gêneros escritos de imprensa.

Para compreendermos a CV, quer na escrita, quer na fala do PB, precisamos detalhar, mesmo que sucintamente, o que alguns autores e suas pesquisas vêm correlacionando acerca de sua [não]aplicabilidade e de sua relação com a ordenação dos constituintes oracionais – que é o que veremos a seguir.

4.3. A relação entre concordância verbal e a questão da ordem no PB

Para resumir as vertentes que trabalham o tema da origem da falta de concordância, podemos dizer que existem duas formas de pensamento: uma que considera que o português do Brasil é diferente do português europeu – a principal causa para este

¹⁷ Vieira (1995), Tarallo (1995), Scherre (2005).

pensamento é a presença de grande quantidade de pessoas de origem africana no Brasil, cujas línguas de origem teriam influenciado o português brasileiro, este fenômeno é denominado criouliização¹⁸; a outra forma de pensamento concebe que a variação verbal tem origem nas línguas românicas, que tomaram uma direção de uma gramática com menos flexão e isto veio influenciar as línguas de base românica, como o português brasileiro.

Dentro da perspectiva da criouliização, Lucchesi (2006) acredita que muitas das características atuais do português brasileiro, principalmente as variedades populares e rurais, refletem processos que se iniciaram através do contato do português com as línguas dos escravos africanos trazidos para o Brasil. O autor ainda fala que, em função do nivelamento lingüístico ocorrido a partir da difusão cultural e lingüística dos grandes centros urbanos, que foi proporcionada pelo deslocamento da população da zona rural para a zona urbana e pela massificação do sistema de ensino, as marcas desta transmissão africana devem ter desaparecido.

Naro & Scherre (2007) sustentam que o termo criouliização não teve ampla aceitação na lingüística e, em um trabalho anterior (Naro & Scherre, 1993), os autores procuram demonstrar que o processo de variação da concordância no Brasil teria se iniciado a partir das mudanças fonéticas originadas ainda em Portugal, sob movimento de variação que já é próprio da língua.

Já as pesquisas que tratam do tema mostram que a modalidade falada no Brasil apresenta concordância em gênero, número e pessoa. A concordância em gênero ocorre somente na concordância nominal, a concordância em pessoa ocorre especificamente na concordância verbal e a concordância em número pode ocorrer na concordância nominal e/ou na concordância verbal.

¹⁸ Lucchesi (2006)

Os primeiros estudos que pesquisaram a concordância verbal na fala do PB começaram em 1977, com Lemle e Naro. Tais estudos se desenvolveram de tal forma que originaram diversos grupos de trabalho, expandindo as pesquisas em torno da Sociolingüística Quantitativa.

Os estudos têm mostrado que a não-concordância não está restrita somente a algumas áreas do Brasil e apresenta contextos lingüísticos e extralingüísticos semelhantes, evidenciando, com isto, a sistematicidade do fenômeno.

Alguns mecanismos de pluralização são estudados como fatores relevantes para a ausência da CV. Na fala, considera-se o enfraquecimento fonético nos finais das palavras, enfraquecimento do –m final dos verbos. Guy (2000) aponta a desnasalização como fator decisivo para o estabelecimento dos níveis de saliência fônica, pois a nasalidade em algumas formas verbais é o único traço distintivo entre o plural e o singular, por exemplo, ele ama/eles amam.

Dentre os estudos sociolingüísticos, temos o estudo de Lemle e Naro (1977). Este estudo seguiu modelo laboviano, contou com 20 informantes pertencentes ao Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e compreendeu sete entrevistas de uma hora para cada um dos informantes. Segundo os autores da pesquisa, a alternância na concordância por um mesmo informante foi o que permitiu tratar a concordância verbal como regra variável. Ao final do estudo, concluiu-se que a concordância acontece quando a oposição entre singular/plural é mais perceptível.

O estudo de Vieira (1995), ao investigar o fenômeno da não-concordância em indivíduos analfabetos de comunidades do norte do estado do Rio de Janeiro, controlou a influência de diversos fatores, tais como: a posição do sujeito em relação ao verbo – sujeitos pospostos favoreciam a não-concordância; a distância entre o núcleo do sintagma

nominal sujeito e o verbo – quanto maior a distância, maior foi o cancelamento da regra de concordância; animacidade do sujeito – sujeitos de referência animada favoreciam a realização da marca de concordância do verbo.

Graciosa (1991), utilizando como corpus redações produzidas por falantes com grau superior completo, assinalou as variáveis ordenação dos constituintes, distância entre o núcleo do sintagma nominal e o verbo, paralelismo formal das seqüências verbais no discurso como sendo relevantes para o condicionamento da concordância verbal.

Oliveira (2010), num estudo sobre a relação fala e escrita na variação da concordância na cidade de São José do Rio Preto (SP), encontrou variação lingüística tanto na fala quanto na escrita, sendo que em 85% dos casos houve aplicação da regra de concordância verbal. A autora credits este alto índice de aplicabilidade ao fato de a língua no momento estar passando por um fluxo de grande marcação da CV, como assim falam também Vieira (1995) e Scherre (1988). Veremos adiante que o índice que a autora encontrou foi muito próximo ao encontrado por nós em gêneros escritos de imprensa de ampla circulação nacional.

Lima (2008), ao trabalhar com os jornais das cidades de Mariana e Ouro Preto (MG) e analisar a relação entre posposição do sujeito e concordância verbal, encontrou um índice de 17% de não-concordância entre o sujeito que se encontra posposto e o verbo. E, na pesquisa, em 62% dos sujeitos compostos não houve concordância verbal, assim como em cerca de 20% dos casos não houve concordância nas estruturas oracionais VS e VXS, sendo que na estrutura XVS, que de acordo com as expectativas o objeto deveria concordar com o verbo (pois o objeto se encontra em posição de tópico – posição na maioria das vezes ocupada pelo sujeito), somente 11% dos casos não apresentaram CV.

As pesquisas acima citadas mostram que, independentemente da escolaridade e da classe social dos falantes, fatores lingüísticos e estruturais influenciam o falante na realização da regra de concordância verbal.

No PB, de acordo com a Gramática Tradicional, a concordância verbal é estabelecida entre o sujeito e o verbo – o verbo concorda com o sujeito explícito em pessoa e número (Bechara, 2006, p.17). No entanto, quando o Sujeito não se encontra em posição de tópico (início de sentença), ele passa, muitas vezes, a ser entendido como sendo outro elemento da oração, não levando o verbo a marcar a CV .

Contudo, de acordo com Teonila Pinto (apud Pontes, 1985), em uma pesquisa sobre conceituação do sujeito realizada com professores e alunos, a CV não foi considerada como sendo um traço característico do sujeito, pois

“A concordância verbal, Teonila Pinto considerou que não influiu na seleção do sujeito. Paciente não foi mencionado na sua pesquisa. Já a posição anteposta influiu, embora seja um traço que os professores não citaram”. (Pontes, 1985, p.53)

Berlinck, Duarte & Oliveira (2009, p.111) apontam que no português há dois expedientes formais para especificar a função de sujeito: a ordem dos constituintes oracionais e a concordância em número e pessoa entre o sujeito e o verbo, sendo que o tipo de verbo exerce influência direta sobre estes dois recursos. Assim,

“Em português, uma língua que, em geral, não traz marcas morfológicas de caso, há dois recursos formais para explicitar a função de sujeito: a

ordem dos constituintes sentenciais e a concordância em número e pessoa que se estabelece entre sujeito e verbo”. (Berlinck, Duarte & Oliveira, 2009, p.111)

As autoras ainda assinalam que, na fala culta, a relação entre ordem SV e presença de concordância verbal é freqüente, mas um contexto licenciador da ordem VS em contexto de verbos transitivos seria a presença de um SN pesado (um sintagma longo).

Através do que foi exposto acima, fica claro que diferenças lingüísticas, diferenças sociais e diferenças culturais resultam em diferentes modos de se usar a língua. Contudo, devemos frisar que não existe modo certo ou errado, bonito ou feio de se falar/escrever, mas há diferenças lingüísticas importantes para nossos estudos sociolingüísticos.

A seguir, trazemos o aparato metodológico utilizado em nossa pesquisa. Assim como o tratamento dado à questão do gênero textual escrito da imprensa e a coleta de dados.

METODOLOGIA

A partir do que foi exposto até o momento, nós trazemos, a seguir, nosso estudo sobre a influência da posição posposta do sujeito no processo de concordância verbal nas orações presentes em suportes de gêneros textuais escritos de imprensa, no caso, as revistas e os jornais.

Utilizamos nesta pesquisa, como já dissemos anteriormente, a abordagem teórico-metodológica da Sociolinguística Quantitativa, por entendermos que esta é a melhor forma de descrevermos o processo de CV nas estruturas com Sujeito Posposto, pois de acordo com Labov (2008), em sua concepção sociolinguística, a heterogeneidade linguística pode ser sistematizável.

Partindo da concepção de língua adotada pela Sociolinguística – um sistema heterogêneo – investigamos um processo de variação, em que tomamos como formas variantes a presença e a ausência da concordância em estruturas oracionais VS, VXS, VSX e XVS, presentes em gêneros escritos de imprensa, de falantes denominados de cultos do PB.

Os estudos linguísticos, especialmente os pautados no modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, compreendem como falante culto aqueles que concluíram a graduação (possuem nível superior de ensino), moram e sempre viveram em centros urbanos (Bagno, 2003). Entretanto, Faraco (2008), recentemente, considerou como falante culto aqueles que concluíram o ensino médio, uma vez que:

“numa sociedade que distribua de maneira mais equânime os bens educacionais e culturais, é mais adequado considerar letrados todos os que concluem pelo menos o ensino médio. Este é um critério que se constituiu historicamente nas sociedades industriais modernas nos últimos duzentos anos.” (FARACO, 2008, p. 59)

Desta forma, nossa coleta de dados foi realizada através de recorte sincrônico em gênero textuais de imprensa (cartas, colunas, noticiários que se encontravam na capa, editorial e entrevista), pois o nosso intuito foi coletar na escrita formal monitorada dos falantes cultos a falta de concordância verbal tão estigmatizada na fala¹⁹. Pois,

“na imprensa escrita se encontra simultaneamente o uso da norma canônica e das outras variedades lingüísticas, embora o consenso seja de que os jornais e revistas de grande circulação são paradigmas da norma culta, pois produzidos por pessoas de escolarização completa, como os jornalistas, e circulam num estrato social urbano identificado como "culto", de camadas da população que apresentam história de letramento familiar e amplo acesso aos bens de consumo, cultura e lazer.” (Piacentini, 2005)

As revistas Istoé Gente, Malu Mulher, Época e Aparecida e os jornais Diário de São Paulo, Notícias Já, Folha de São Paulo e Jornal da Tarde foram utilizados como fontes para o nosso corpus e todos datam entre final de 2008 e início de 2010. Tais suportes foram

¹⁹ Scherre (2005) aponta a relação entre preconceito e ausência de concordância verbal.

escolhidos por serem direcionados a diferentes públicos e possuírem grande circulação nacional a preços diferenciados²⁰.

Para a análise quantitativa, usamos o Goldvarb 2001, programa estatístico que nos permite analisar dados a partir de porcentagens e de seu peso relativo. Através desse programa traçamos um perfil do uso da concordância nos suportes acima delimitados, e, em seguida, identificamos a importância da posição do sujeito para o estabelecimento da concordância verbal na escrita monitorada dos falantes cultos.

Independentemente dos resultados obtidos, esse tipo de investigação vem para dar sua contribuição aos estudos até agora desenvolvidos acerca da relação entre concordância verbal, posição do sujeito e variação na escrita. Sabemos da fixidez da escrita e de seu caráter conservador, principalmente em textos escritos em estilo formal, e encontrar exemplos de não-concordância em textos escritos pode ser considerado um importante índice para a descrição de um fenômeno lingüístico dentro da perspectiva da variação e mudança.

A seguir, tecemos nossas reflexões sobre a utilização de gêneros escritos como corpus de pesquisa para estudos sociolingüísticos, pois trabalhar com a escrita torna nosso estudo diferente dos estudos tipicamente labovianos, visto que os estudos tipicamente labovianos trabalham com entrevistas orais.

²⁰ Neste sentido, pensamos em como o preço do suporte direciona o seu leitor. Isto é, o preço está vinculado ao público leitor – preços mais baixos [atrairiam](#) mais a classe mais popular; preços mais altos, a classe mais rica.

1. A questão do gênero textual/discursivo

O estudo dos gêneros textuais ou discursivos, conforme nos aponta Marcuschi (2008), tem inspirado diversas pesquisas em diversas áreas da lingüística. Isto mostra a importância das produções discursivas, pois estas são dotadas de historicidade, aspectos sociais e culturais.

Os trabalhos desenvolvidos no âmbito da teoria da enunciação, lingüística textual e análise do discurso têm-se preocupado em precisar a que realidades de domínio da linguagem a noção de gênero textual/discursivo se refere. Entre esses trabalhos, encontramos Maingueneau (2002), Bakhtin (1997) e Marcuschi (2007). Desta forma, para essa exposição sobre a noção de gênero textual/discursivo, tomaremos estas pesquisas como referência, por imposição de meus pressupostos sobre linguagem/língua, interação, texto e discurso, conforme já vimos expressando desde o início de nosso trabalho.

Os gêneros eram classificados de acordo com suas formas poéticas. Aristóteles, em *Poética*, utilizou o modo de representação mimética para especificar os gêneros – poesia de primeira voz representava a lírica; de segunda voz, a épica e de terceira voz, o drama.

A classificação aristotélica tornou-se a base dos estudos literários. No entanto, o estatuto de gênero aristotélico teria se consagrado se não fosse o surgimento da prosa comunicativa.

Com o aparecimento da prosa, passou-se a reivindicar para o estudo sobre gênero as análises das formas de interação realizadas pelo discurso. E, através desta urgência em se estudar as formas discursivas, Bakhtin desenvolveu a noção de gêneros discursivos,

considerando, como base o dialogismo dos processos comunicativos²¹. Conseqüentemente, mudou-se a rota dos estudos: além das formações poéticas, devem-se considerar as práticas que os diferentes usos da linguagem fazem do discurso – a pluralidade.

Givón (1979) assinala que a estrutura da linguagem não pode ser estudada, descrita ou explicada sem levar em conta sua função comunicativa. Já Du Bois (1993 apud Neves, 2001) traz que as relações entre gramática e discurso são estreitas, pois tanto a gramática molda o discurso, quanto o discurso molda a gramática.

Partindo então do pressuposto de que são os usos que moldam a língua, ao falarmos ou escrevermos, estamos utilizando adequadamente a língua com a finalidade de produzir um efeito de sentido. Sendo assim, a intenção comunicativa liga-se intrinsecamente ao uso da língua, pois “não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego das formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina” (Marcuschi, 2007, p.09).

“Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico”. (Bakhtin, 1997, p. 160)

Todo trabalho, toda pesquisa acerca de um material lingüístico concreto lida com enunciados concretos²² que, por sua vez, lidam com diferentes áreas de atividades humanas,

²¹ Bakhtin, por considerar o dialogismo como constitutivo da linguagem, coloca o discurso como o centro das investigações lingüísticas. O essencial da linguagem está em seu aspecto interacional social, realizado por meio da enunciação.

originando determinados gêneros do discurso. É do gênero que os pesquisadores retiram os fatos lingüísticos que precisam (Bakhtin, 1997).

“Os diversos usos da linguagem realizados na sociedade nas diferentes interações sociais entre indivíduos num determinado contexto sócio-histórico e cultural se realizam por meio de enunciados que se tipificam, os quais denominamos gêneros do discurso.” (Pereira, 2008, p.04)

Para Bakhtin (1997) devemos assinalar o diálogo – toda e qualquer forma de comunicação verbal – como a unidade básica para a classificação dos gêneros. Ao distinguir o dialogismo em estrito – cotidiano, espontâneo- e amplo –, extenso e complexo, o autor tem os gêneros como sendo primários ou secundários. “Os diálogos do cotidiano, os gêneros primários, constituem o cerne da linguagem” (Marchezan, 2006, p.119).

O gênero de discurso primário ocorre em atividades comunicativas mais simples, na maioria das vezes está ligado ao plano oral da língua. Enquanto que o gênero secundário geralmente está ligado à escrita e aborda situações mais complexas e evoluídas, sendo que este tipo de gênero absorve e transforma os gêneros primários, fazendo-os adquirir outros valores, (Bakhtin, 1997).

A distinção entre gênero primário e secundário tem grande importância, pois, a partir desta distinção, será possível elucidar a natureza do enunciado, definindo-a através da análise de ambos os gêneros (Bakhtin,1997). Portanto, Bakhtin

²² Enunciado concreto aqui entendido como a unidade real da comunicação discursiva, com orientação social e interacional entre interlocutores concretos.

“propõe que entendamos os gêneros primários (simples) como aqueles que funcionam sociocomunicativamente em relações dialógicas de interação em espaços regularizados por normas sociais de ideologias cotidianas, isto é, ideologias não institucionalizadas. Os gêneros secundários, por sua vez, de acordo com o autor, se encontram legitimados por ideologias formalizadas, isto é, ideologias que institucionalizam determinadas esferas sociais das quais os gêneros se realizam (por exemplo, o romance, da esfera da arte, os gêneros do jornalismo de jornal e de revista, tais como: a entrevista, a carta de aconselhamento, o editorial, o artigo assinado)”. (Pereira, 2008, p. 08)

Maingueneau (2002), por não classificar os gêneros de acordo com o meio de produção (oral/escrito), afirma que todo texto está categorizado dentro do discurso, dentro de um gênero de discurso, sendo que este varia conforme o uso que se faz dele. As categorias discursivas indicam a “orientação comunicacional” do enunciado, sendo classificadas por funções da linguagem ou funções sociais.

As “funções da linguagem” correspondem à tipologia de Jakobson (apud Maingueneau, 2002). Os discursos recebem uma classificação de acordo com uma das seguintes funções: “referencial”, “emotiva”, “fática”, “metalingüística”, “conativa” e “poética”. Acontece que um mesmo discurso pode conter mais de uma função, sendo, por isto, classificado com a predominante. Desta forma,

“Essa tipologia é de um manuseio muito delicado: não somente um mesmo discurso mobiliza muitas funções ao mesmo tempo, como também há muitos enunciados difíceis de associar com clareza a uma dessas seis funções.” (Maingueneau, 2002, p. 60)

Já as “funções sociais” são aquelas necessárias à sociedade, sendo comuns a vários gêneros de discurso: “função lúdica, função de contato, função religiosa etc.”

A forma das atividades lingüísticas (oral/escrito) variará de acordo com o contexto, os participantes, as necessidades onde estas são realizadas. Apesar de existir o mito da supremacia do escrito²³ sobre o falado, as proximidades entre ambas são estreitas, embora uma não possa ser tida como representação da outra: a escrita não consegue reproduzir alguns fenômenos da oralidade, como os gestos, movimentos corporais, etc.

“A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa”. (Bakhtin, 1997, p.158)

A escrita, conforme nos aponta Castilho (2010), passa por dois processos constitutivos: 1) diálogo em que o locutor se encontra ausente e 2) planejamento e execução. O primeiro momento, devido à ausência de locutor, faz com que o autor

²³ Marcuschi (2007) diz que a escrita por ter se tornado indispensável, devido à sua prática e avaliação social, elevou-se a um status mais alto, simbolizando, com isto educação, desenvolvimento e poder.

desenvolva estratégias de escrita; desta forma, as expressões têm de ser mais explícitas e não há ancoragem do texto à situação de fala – o texto se torna dependente de si mesmo. Já no segundo momento, o autor prepara e produz seu texto, podendo voltar a reescrevê-lo; com isso, o texto escrito se mostra mais elaborado, porém mascara o processo lingüístico, que se mostra mais patente em contextos de fala, pois, devido ao maior tempo de preparo e refazimento, o autor pode corrigir seus “erros”.

Castilho (2010, p.221) também fala que “a língua escrita está igualmente sujeita ao fenômeno da diversidade e duas grandes variedades devem ser consideradas: a língua escrita corrente e a língua escrita literária. Diversos gêneros discursivos se relacionam com essas duas variedades.”

Para nós é importante mencionar a variedade escrita corrente, pois possui fins utilitários, dos quais decorrem seus gêneros:

“ – Manutenção de contatos familiares e de negócios: cartas familiares, correspondência oficial, correspondência comercial etc.

– Difusão de notícias e informações: linguagem jornalística.

– Ordenamento do direito público: constituição, foral, leis, decretos etc.

– Documentos da administração pública (requerimento, ofícios etc) e da administração privada (relatórios, mapas etc)

A língua escrita corrente é mais conservadora, justamente porque sobre ela assentam os direitos do cidadão e os interesses do Estado”. (Castilho, 2010, p. 221)

Os gêneros tem caráter “historicamente variável”, podendo, assim, a sociedade ser caracterizada conforme os gêneros de discurso “que ela torna possível e que a tornam possível” (Maingueneau, 2002, p.61).

1.1. Os gêneros de imprensa e os aspectos sociolingüísticos

Nos últimos dez anos, tem-se percebido um aumento muito grande na utilização de jornais como corpora, para investigação dos fenômenos lingüísticos, como ressaltam as autoras Balsalobre e Barbosa (2003, p.1): “Na tentativa de buscar aspectos gramaticais e sócio-históricos que auxiliem na construção da história do Português Paulista, entendemos como uma rica fonte para a organização de um corpus a chamada língua da imprensa.”

Consideramos o jornal como um suporte onde estão contidos vários gêneros discursivos (o gênero editorial, o gênero coluna, o gênero carta e etc), por isto, para nós, ele é visto como sendo um espaço de uso da língua, portanto, um objeto de interação social. Desta forma,

“(…) visamos ressaltar a importância de se considerar o estudo de gêneros textuais – para este artigo, em especial, o gênero jornalístico –, no processo de construção de corpora. Partimos do pressuposto de que todo ser humano sempre irá se servir da língua em quaisquer de suas atividades e, a partir do interesse, da intenção e da finalidade de cada atividade, os enunciados lingüísticos se realizarão de maneiras diversas.”
(Balsalobre e Barbosa, 2003, p. 3)

Os gêneros de imprensa são dialógicos à medida que estes reiteram outros discursos e essa dialogicidade se mostra visível durante o processo de produção – levantamentos das situações a serem descritas, corroborações de fatos observados e a conseqüente produção textual final.

De acordo com Maingueneau (2002), uma forma de um gênero se fazer reconhecer é observar se este gênero participa de uma rotina estabelecida por uma comunidade discursiva. Por isto, é possível afirmar que os gêneros cartas, editorial e coluna são parte integrante da rotina de imprensa – tanto de jornais, quanto de revistas-, estando presentes em edições que circulam na esfera jornalística. Cada qual possuindo um “tipo relativamente estável de enunciados²⁴” do ponto de vista estilístico, temático e composicional.

Os editoriais, pela forma como vêm dispostos dentro do texto jornalísticos, na 1ª página, facilitam a leitura e, conseqüentemente, a organização da informação. Além disso, é traço fundamental do editorial expressar uma opinião que pertence ao jornal como um corpo, como se ali estivesse a opinião dos seus integrantes.

Alves Filho (2006, p. 10) traz como uma das características do gênero Editorial o “uso da variedade padrão da linguagem”, isto é a utilização da norma-padrão, a norma prescrita pela gramática tradicional, pois “faz-se uso do prestígio da variedade culta da língua de modo que esse prestígio ‘contamine’ os textos e contribua para dar a entender um tom de verdade”.

No entanto, apesar de apresentar uma concepção escrita, o editorial não deixa de trazer marcas da oralidade, que buscam diluir a formalidade da escrita com ocorrências de coloquialidades – podendo ser possível, em decorrência disto, a utilização deste gênero de imprensa em estudos sociolingüísticos que tratam do continuum fala/escrita. Como, por

²⁴ Bakhtin (1997, p. 160)

exemplo, a falta de concordância verbal com o sujeito composto tão presente na fala, já se mostra presente na escrita, dita padrão, do gênero editorial, por exemplo:

(48)“Apenas quando **a desumanidade das cadeias públicas, o absurdo dos acidentes de trânsito, a burocracia massacrante e o poder público corrompido** não **joga** sombra sobre qualquer visão condescendente de que possa ter do assunto.” (Jornal O Liberal, Ouro Preto – MG, 07/01/2008, gênero Editorial)²⁵.

O gênero cartas, segundo Passos (2003 apud Carvalho, 2008), é uma carta aberta destinada a destinatários desconhecidos, tendo caráter público. E

“As cartas são endereçadas à redação de revistas e jornais com diversos propósitos comunicativos, como opinar agradecer, reclamar, solicitar, propor reflexões, relatar experiências, elogiar e criticar, entre outros”.
(Carvalho, 2008, p. 95)

Nas cartas é que vemos claramente a inserção do leitor no jornal, pois este, ao mandar sua mensagem para esta seção deste suporte de comunicação, deixa ali o seu registro, a sua língua:

(49)Somente na campanha **será gasto milhões**. (Jornal O Liberal, Ouro Preto – MG, 07/01/2008, gênero Cartas)

²⁵ Exemplos retirados de nosso trabalho anterior, (Lima, 2008), que possibilitaram a escolha dos gêneros coletados e das análises realizadas, por isso não fazem parte do corpus analisado.

O leitor/autor do exemplo acima, retirado da seção cartas, ao “deixar” neste espaço o seu registro, “marcou-o” com a falta de concordância na voz passiva. Esta “marcação”, embora se mostre presente na fala informal, é repudiada na escrita formal dos gêneros de imprensa²⁶.

Segundo Kaufman e Rodríguez (1995 apud Batista de Jesus & Petroni, 2008), o desenvolvimento textual do gênero coluna é realizado pelo uso de orações complexas, com proposições causais, consecutivas, concessivas e condicionais, sendo que quem o produz tem um determinado objetivo: debater, expor ou comentar determinado assunto. Devido a estas características –conter comentários, avaliações, expectativas sobre um tema-, as colunas carregam aspectos subjetivos de seus autores, podendo, com isto, trazer o uso que estes fazem da língua, como por exemplo:

(50)Entretanto, como é também de seu conhecimento, no jornalismo que prioriza ética e profissionalismo **está descartado afetos pessoais e até mesmo familiares**. (Jornal Ponto Final, Mariana-MG, 08/02/2008, gênero Coluna)

No exemplo acima, o colunista ao mostrar seu ponto de vista, mostrou também o seu uso lingüístico, pois não fez a concordância, prescrita de acordo com a gramática tradicional, entre sujeito posposto e verbo.

²⁶ Conferir trabalho de Scherre (2005), em que a autora trata sobre o preconceito presente na mídia e a presença/ausência de concordância verbal na fala e escrita.

2. Os suportes presentes em nosso Corpus

Os textos de imprensa, como já falamos, tornaram-se modelo de norma padrão, tomando o lugar dos grandes autores, em livros didáticos, gramáticas pedagógicas, sendo sua utilização em sala de aula, desde os anos de 1970, recomendada pelo governo brasileiro (Balsalobre & Barbosa, 2003).

Neste trabalho, selecionamos uma edição de cada um dos suportes a seguir: as revistas *Época*, *Istoé Gente*, *Malu Mulher* e *Aparecida* e os jornais *Diário de São Paulo*, *Notícias Já*, *Folha de São Paulo* e *Jornal da Tarde*, datados entre final de 2008 e início de 2010, escritos a princípio de acordo com a norma contida nos manuais de redação²⁷, para compreendermos melhor as orações com Posposições de Sujeito e buscar conhecer as causas para o fenômeno da [não] concordância verbal nestas estruturas.

Ao todo foram analisados 8 suportes, cada um contendo em média de 50 a 150 páginas – jornal *Folha de São Paulo*, *Jornal da Tarde*, revista *Época* e *Istoé Gente* possuem de 120 a 150 páginas, os demais suportes possuem de 50 a 70 páginas. Contudo, da média de 600 páginas analisadas, somente 197 páginas traziam ocorrências de posposição do sujeito – 74 páginas de jornais e 123 páginas de revistas. Foram analisados 8 editoriais, 15 cartas, 16 entrevistas, 70 manchetes e 90 colunas.

Os suportes abaixo mencionados além de apresentarem grande circulação nacional, são direcionadas a diferentes públicos e pertencem a Editoras distintas:

²⁷ Luft (1990)

- Istoé Gente – revista bimestral, traz notícias das celebridades e é publicada pela Editora Três desde 1999. Esta revista “distingue-se de suas principais concorrentes, Caras (editora Abril) e Quem (editora Globo), por ter um estilo mais leve e acessível ao leitor menos sofisticado”. Embora seja uma revista do estilo da revista Malu Mulher, seu preço a diferencia – é vendida por R\$ 5,90.
- Malu Mulher – revista semanal destinada à mulher moderna, traz notícias sobre os famosos e tem circulação nacional a preço baixo (R\$1,99), publicada pela Editora Símbolo;
- Época – revista semanal, uma das maiores em circulação no Brasil, publicada pela Editora Globo, com circulação em torno de 420 mil exemplares. O preço desta revista não a torna um suporte de fácil aquisição pelas classes baixas, visto que é vendida atualmente por R\$ 7,90.
- Aparecida – revista mensal da cidade de Aparecida-SP, gratuita, mas com circulação nacional. É publicada pela Editora Santuário e tem como missão “informar, formar e evangelizar²⁸”.
- Folha de São Paulo – jornal editado na cidade de São Paulo e de circulação nacional, sendo o de maior circulação no Brasil²⁹. É visto como um dos jornais

²⁸ Informação contida no site da revista: <http://www.santuarionacional.com/revistadeaparecida>, acesso em 24 nov 2009, 16:22.

²⁹ Como consta no IVC (Índice de Verificação de Circulação)

nacionais mais influentes, embora o preço não seja um atrativo para as classes mais populares – jornal é vendido por R\$ 2,50.

- Jornal da Tarde – simplesmente JT, este jornal circula no estado de São Paulo desde 1966. Editado e publicado pela Editora Estado, tem sua circulação no período vespertino e apareceu como uma forma de abarcar os leitores que não tinham condições de comprar o Jornal Estado de São Paulo, publicado pela mesma editora. O JT é comercializado por R\$ 1,50.
- Diário de São Paulo – jornal publicado e de circulação no estado de São Paulo. Foi comprado em 2001 pela Organização Globo, que queria um jornal na região, tornando-se um jornal mais popular (é vendido por R\$ 1,50).
- Jornal Notícias Já – jornal popular da cidade de Campinas, que apresenta grande circulação na região, sendo comercializado por R\$ 0,75.

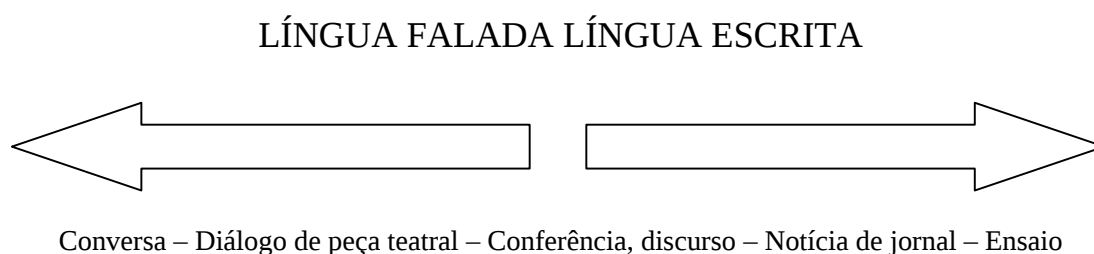
O período de 2008-2010 foi escolhido por objetivarmos descrever a escrita padrão do PB em seu estado atual, sendo este período, por se encontrar no século XXI, uma época bastante expressiva no cenário, não só nacional, mas mundial nas áreas da telecomunicação – com a massificação e popularização da imprensa escrita e da internet, sendo, por isso, a data alvo da coleta de dados desta presente pesquisa.

Ressaltamos, mais uma vez, que tanto a revista quanto o jornal são vistos por nós como sendo um espaço de uso da língua, portanto, um objeto de interação social, por isso,

através deste recorte sincrônico, escolhemos gêneros de jornais e revistas direcionados a diferentes públicos e de grande circulação nacional, para que tivéssemos um gênero textual em que a norma padrão se apresentasse de forma mais marcante, muito embora, neste mesmo gênero, pudéssemos encontrar textos que, mesmo utilizando tais normas, permitissem uma inserção maior de usos mais coloquiais. Pensamos também na questão do preço, que de uma forma ou outra acaba por selecionar o público leitor (preços mais altos para a classe mais alta e preços mais baixos para a classe mais baixa). Consideramos, assim, também, a questão do estilo (um contínuo do + formal para o – formal).

Dentro desta questão de estilo (formalidade e informalidade), pensamos como Castilho (2010, p.224), que fala sobre a existência entre um continuum de formalidade entre a fala e a escrita, apontando para o fato de que o exame da documentação oral/escrita do PB não fundamenta a existência de uma polarização entre estas duas modalidades. Desta forma, estas duas variedades “se dispõem num continuum, indo da oralidade para a escrituralidade, percorrendo diferentes graus de formalidade.

Figura 1: Escala de formalidade apresentada por Castilho (2010, p.222)



Ainda sobre a questão da variação estilística, o autor fala sobre a variação no modo de tratar o assunto que está sendo desenvolvido:

“Podemos falar de assuntos do dia a dia, e teremos o português corrente. Podemos falar de assuntos especializados, e aí teremos o português técnico. Essas variedades distinguem a linguagem do cidadão comum da linguagem dos cientistas, dos clérigos, dos políticos etc.” (Castilho, 2010, p. 223)

Ao utilizarmos para coleta de dados diferentes jornais e revistas, destinados a diferentes públicos e de diferentes editoras, nosso intuito foi o de investigar a presença/ausência de CV de acordo com o estilo textual dos suportes. Por isto, consideramos que os jornais e revistas analisados apresentam um continuum que vai do [+] formal para o [-] formal: Época > Folha de São Paulo > Aparecida > Jornal da Tarde > Istoé Gente > Diário de São Paulo > Malu Mulher > Notícias Já.

Para o estabelecimento desta escala consideramos o público alvo, o preço, os assuntos, a periodicidade das revistas selecionadas, o número de revisores que os suportes possuem, pois pensar nesta escala é refletir sobre os assuntos tratados pelos suportes, assim como o público alvo, que é também fortemente selecionado pelo preço do periódico.

É importante ressaltar que as editoras com o intuito de aproximar-se de seus leitores têm utilizado estratégias de informalidade, e este tipo de recurso é mais utilizado pelo suportes mais populares, como observado por Heberle (1999).

No próximo capítulo, trazemos nossa análise dos dados e o tratamento que foi dado aos mesmos, refletindo sobre a questão dos fatores condicionantes para a [não] concordância verbal diante de sujeito posposto.

ANÁLISE DOS DADOS

Temos convicção de que a relação entre sujeito e verbo não pode ser descrita somente em termos de suas relações internas, gramaticais, mas deve-se considerar como parte de um contexto sociocultural mais amplo, no qual ela ocorre.

Dentro deste contexto, nosso levantamento de dados foi realizado em função da variável dependente observada, composta por duas variantes: Ausência e Presença de CV em orações com sujeito posposto. A partir disto, num primeiro momento, a análise dos dados incidiu sobre 10 variáveis internas, sintáticas, morfossintáticas e discursivas, a saber: tipo de gênero textual (editorial, coluna, cartas ao leitor, notícias e entrevista), tipo de sujeito (simples e composto), tipo de verbo (transitivo direto, transitivo indireto, intransitivo e de ligação), tipo de predicado (verbal e nominal), tipo de estrutura oracional (XVS, VSX, VXS, VS, CVS/CVSX, VSC e VCS), tipo de tempo verbal (presente, passado, futuro, infinitivo), classe morfológica do sujeito (nome e pronome), papel temático do sujeito (+agente e -agente), distância entre verbo e sujeito (nenhum elemento, um elemento, dois elementos e mais de três elementos separando o verbo do sujeito) e definitude do sujeito (presença ou ausência de artigo definido); e 2 variáveis externas³⁰: tipo de suporte (revista ou jornal), nome do suporte (Istoé Gente, Malu Mulher, Época, Notícias Já, Aparecida, Jornal da Tarde, Folha de São Paulo e Diário de São Paulo).

Portanto, nosso intuito foi pesquisar a falta de concordância entre Sujeito Posposto e Verbo e quais variáveis, dentre as consideradas acima, condicionam e restringem a não-concordância nestas estruturas. Obtivemos um total de 206 ocorrências, encontradas nos

³⁰ Não analisamos a variável externa [sexo](#) do [informante](#), pois alguns suportes não trazem o nome dos autores de seus textos.

suportes anteriormente citados. Estas 206 ocorrências continham o Sujeito Posposto expresso, composto por SNs – não consideramos os Sujeitos Posposto Oracionais. Mas, dentre estas 206 ocorrências, temos estruturas cristalizadas, do tipo: “‘Quem quer morrer?’, dizia o auxiliar de pedreiro que matou uma pessoa e feriu outras duas com uma faca de churrasco anteontem à noite em hipermercado de Guarulhos (Grande SP)” (Folha de São Paulo, 28/05/2010, gênero notícia). Por isto, numa nova análise, retiramos de nosso corpus este tipo de estrutura.

Também, de forma a enxugar mais os nossos dados e mantermos uma equidade em nossa análise, retiramos de nosso corpus as ocorrências com verbo de ligação “ser”, que possuem uma particularidade morfológica que impossibilita a realização ou não da concordância verbal, o que poderia gerar certa uma ambigüidade na análise do estabelecimento da concordância.

O verbo “ser” concorda com o sujeito da oração em número (ex. Maria é bonita). Contudo, quando o sujeito é representado por “tudo”, “isso”, “isto”, “aquilo”, o verbo “ser” preferencialmente concorda com o predicativo no plural (ex. Aquilo são frutas apetitosas).

Há também a concordância de que se o sujeito ou predicativo for nome de coisa, e se um (sujeito ou predicativo) estiver no singular e o outro (sujeito ou predicativo) no plural, o verbo ser concorda com o plural. Entretanto nada impede que o verbo concorde com o sujeito ou com o predicativo, quando houver o desejo de enfatizar algum deles (Bechara, 2006).

Esta particularidade morfológica dos verbos de ligação “ser”, em que o verbo tanto pode concordar em gênero e número com o predicativo como pode fazer concordância com o sujeito, possibilita que o índice de concordância aumente. Desta forma, retiramos este

tipo de verbo de nossas ocorrências. Ao todo retiramos 53 orações, totalizando agora 153 ocorrências de sujeito posposto.

A porcentagem de não-concordância verbal nas ocorrências encontradas mostrou que, embora a escrita monitorada das revistas passe por revisões de forma a conter os “erros” e enquadrar-se na norma-padrão, indícios da fala estão se inserindo na escrita formal. De 153 ocorrências, 15 não apresentavam concordância verbal, um total de 10% dos dados.

Scherre (2005), em dados de falantes cariocas, aponta que o sujeito em posição pós-verbal desfavorece a marca de plural na fala de qualquer falante e traz, como porcentagem entre presença/ausência de CV entre Sujeito Posposto e Verbo na fala, a marca de 36% de ausência de concordância verbal.

É importante ressaltar que 10% é um número bastante expressivo se considerarmos que todos os suportes presentes em nosso corpus passam por constantes revisões gramaticais de diferentes revisores – a revista *Época* possui 3 revisores, a revista *Aparecida* possui dois revisores, a *Istoé Gente* trabalha com 4 revisores e a *Malu Mulher*, 1 revisor, e são escritas pelos falantes denominados de cultos da língua portuguesa³¹.

A seguir, comentaremos a influência dos fatores analisados para a não-concordância verbal com o sujeito posposto.

³¹ De acordo com Bagno (2003) os falantes cultos são aqueles que concluíram a graduação (possuem nível superior de ensino), moram e sempre viveram em centros urbanos.

1. Fatores analisados em nossa pesquisa

Conforme dissemos no início deste capítulo, nossa análise incidiu sobre 12 fatores – 10 variáveis internas e 2 variáveis externas. Contudo, nesta rodada, devido à grande quantidade de KnockOuts³², não pudemos calcular a aplicabilidade do fenômeno estudado, nem o peso relativo dos fatores. Por isto, na próxima seção, apresentaremos os fatores que se mostraram relevantes para a nossa pesquisa.

A seguir, traremos as variáveis tipo de predicado, tipo de estrutura oracional, tipo de gênero discursivo, tipo de tempo verbal, tipo de classe do sujeito, definitude do sujeito, distância entre verbo e sujeito, tipo de suporte, nome do suporte e suas porcentagens diante da presença/ausência de CV em nossos dados com sujeito posposto:

1.1. Variável lingüística tipo de predicado

Como explicado anteriormente, excluímos de nossa análise os dados que apresentavam o verbo *ser*, mas os verbos de ligação *estar*, *ficar*, *continuar*, *parecer* foram considerados na presente análise.

O tipo de predicado (nominal ou verbal) não mostrou diferenças percentuais para a não ocorrência de concordância verbal nas estruturas com sujeito posposto. Enquanto que o

³² O KnockOut se trata da ausência de ocorrências em um ou mais fatores. Diante da existência de KnockOuts, a análise múltipla, onde são calculados os pesos relativos dos fatores, não poderá ser rodada. Desta forma, devemos excluir os fatores ou grupo de fatores que não apresentam variação, para que possamos calcular o peso relativo e analisar os fatores relevantes para o estudo.

predicado nominal apresentou 11% de ausência de CV, o predicado verbal apresentou 10%, conforme nos aponta a tabela abaixo:

Tabela 1: tipo de predicado X presença/ausência de concordância verbal

Tipo de predicado	Presença de Concordância	Ausência de Concordância	Total dos dados
Verbal	90%	10%	35%
Nominal	89%	11%	65%
Total	90%	10%	100%

Exs. de não-concordância com:

Predicado Verbal: (50) Sorte nossa é que **existe os hermanos** para salvar a pátria! (Notícias Já, 02/2010, gênero coluna)

Predicado nominal: (51) **Está** junto com as obras sociais **as ações do povo de fé**. (Revista Aparecida, 06/2009, gênero coluna)

1.2. Variável lingüística tipo de gênero discursivo

Os gêneros discursivos, de acordo com Bakhtin (1997), são tipos relativamente estáveis de enunciados e não há como o enunciado se materializar senão por meio de um

gênero. E, ainda, de acordo com o autor, as mudanças lingüísticas são indissociáveis das mudanças efetuadas nos gêneros do discurso. “Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero” (Bakhtin, 1997, p. 285).

Desta forma, ao trabalharmos com diversos tipos de gêneros, pretendemos analisar se e como a concordância verbal com o sujeito posposto ocorre em cada um dos gêneros por nós selecionados.

Tabela 2: tipo de gênero discursivo X presença/ausência de concordância verbal

Gênero discursivo	Presença de Concordância	Ausência de Concordância	Total dos dados
Notícia	90%	10%	40%
Coluna	86%	14%	37%
Editorial	100%	0	10%
Cartas	100%	0	4%
Entrevista	92%	8%	9%
Total	90%	10%	100%

Exs. de não- concordância com:

Gênero notícia: (52) Nele, **retratou-se possibilidades de descobertas** em cada horizonte de todos os poços pioneiros (os que são perfurados com o objetivo de descobrir novas jazidas) incluídos no planejamento da Petrobras. (Jornal da Tarde, 03/2010, gênero notícia)

Gênero coluna: (53) Não sei se você notou, mas **aumentou as reportagens** na tevê sobre o mundo animal.” (Malu Mulher, 09/2009, gênero coluna)

Gênero entrevista: (54) Como essa **existe outras 300 situações** que acontecem no dia a dia. (Jornal da Tarde, 03/2010, gênero entrevista)

Pelos dados presentes na tabela acima, notamos que a ausência de CV ocorreu no gênero notícia em 10% das estruturas, no gênero coluna em 14% dos casos e no gênero entrevista em 8% das estruturas.

Embora a diferença entre os percentuais não seja elevada, a correlação entre os gêneros coluna e maior ausência de concordância pode ser explicada pelo fato de a coluna apesar de apresentar uma concepção escrita, não deixa de trazer marcas da oralidade, ao buscar diluir a formalidade da escrita com ocorrências de coloquialidades. Além disso, é traço fundamental deste gênero expressar uma opinião que pertence ao colunista, podendo este, ao mostrar sua subjetividade, deixar suas marcas lingüísticas no texto.

Encontrarmos índices de não-concordância próximos nos gêneros entrevista, coluna e notícia, nos leva a pensar que

“A dicotomia entre linguagem escrita e oral vem se tornando cada vez mais tênue e parece haver uma tendência de se utilizar marcadores discursivos de informalidade nas relações sociais antes tidas como mais formais, elitistas e distantes.” (Heberle, 1999, p.1)

E esta questão tratada por Heberle (1999) fica clara ao nos depararmos com a total presença de concordância verbal nos gêneros editorial e cartas, que deveriam ser os gêneros menos formais, visto que as cartas são escritas em 1ª pessoa e trazem a visão pessoal de seus autores e os editoriais retratam a visão do jornal, sendo sua “voz”, quanto aos temas abordados.

1.3. A variável lingüística tipo de Estrutura Oracional

Como apresentamos anteriormente, para se chegar às expressões lingüísticas, regras de colocação atribuem posições aos elementos de uma estrutura. Dik (1989) aponta que a ordenação dos constituintes é um dos meios que expressa formalmente as relações e funções de uma estrutura e considerar as regras de ordenação como um mecanismo de funcionalidade equivale a postular que tipos alternativos de estruturas conferem distinções nestas. Isto é, as diferentes formas de ordenação são sensíveis a mudanças, o que confere diferenças funcionais.

Mas, Dik (1989) ainda aponta que não há razão para se postular uma única ordem básica para uma determinada língua e que há coexistência de diferentes padrões, que são utilizados de acordo com condição e propósito específicos.

Neste sentido, correlacionamos as diversas estruturas que apresentam sujeito posposto à ausência/presença de concordância verbal. Nosso foco foi tentar estabelecer se determinado tipo de ordenação tendência à ausência de CV e, para isto, selecionamos as estruturas XVS (objeto-verbo-sujeito), CVS (complemento-verbo-sujeito), VSX (verbo-sujeito-X), VCS (verbo-complemento-sujeito), VXS (verbo-X-sujeito), VCS (verbo-complemento-sujeito) e VS (verbo-sujeito).

Num primeiro momento, consideramos as estruturas citadas acima como distintas umas das outras, mas por semelhanças em seus constituintes e nas posições que os mesmos se encontravam, amalgamamos as estruturas XVS/CVS, VXS/VCS e VSX/VCO. Embora as estruturas que continham complemento, possuísem verbo intransitivo, o complemento se comportava como um objeto do verbo, sendo esta a razão de considerarmos o complemento de verbos intransitivos como objeto verbal.

Após uma nova rodada, já com as alterações devidas, notamos que a estrutura oracional XVS se mostrou menos propensa à não ocorrência de CV, somente 11% destas estruturas não apresentavam concordância. Tal fato nos levou a pensar sobre a relação entre posição inicial de sentença e status de sujeito, pois era de se esperar que nestas estruturas, devido ao objeto ocupar a posição de tópico, a CV ocorresse em menor escala, já que o verbo deveria concordar com o elemento que estivesse na posição de sujeito. Isto é, conforme Decat (1983) nos fala, o sujeito ao não se encontrar em posição de tópico, perde o status de sujeito e o objeto topicalizado passa a ser considerado como sendo o sujeito e, como o verbo concorda com o sujeito, haveria, então, a concordância entre este objeto topicalizado e o verbo da oração.

Tabela 3: Tipo de estrutura oracional x presença/ausência de concordância

Tipo de estrutura oracional	Presença	Ausência	Total dos dados
VSX	61%	39%	16%
XVS	89%	11%	36%
VS	86%	14%	19%
VXS	83%	17%	29%
Total	90%	10%	100%

Exs. de não-concordância com:

Estrutura VSX: (55) Nele, **retratou-se possibilidades de descobertas** em cada horizonte de todos os poços pioneiros (os que são perfurados com o objetivo de descobrir novas jazidas) incluídos no planejamento da Petrobras. (Jornal da Tarde, 03/2010, gênero notícia)

Estrutura XVS: (56) Porém, se da entrega da compra já **passou sete dias**, o produto será encaminhado à assistência técnica. (Revista Malu, 09/2009, gênero notícia)

Estrutura VS: (57) A Globo informa que a direção não examina todo o conteúdo produzido diariamente e que não **existem nenhum tipo de recomendação** que seja diferente das

outras grandes coberturas esportivas da emissora: exercer o bom jornalismo. (Folha de São Paulo, 05/2010, matéria coluna)

Estrutura VXS: (58) **Foi apreendida** pela polícia local **dezenas de peças de veículos e ferramentas, além de carcaças de carros.** (Notícias Já, 02/2010, gênero notícia)

Não obstante, conforme nos mostra a tabela acima, a estrutura VSX/VSC apresentou maior ausência de CV (39%), o que pode salientar que, devido a não ter outro elemento, a não ser o verbo, em início de sentença, o usuário considere que tal oração se trate de uma oração com sujeito nulo e, por isto, não flexione o verbo. Também é possível pensar-se que, por trazer tanto o sujeito quanto o objeto em posição pós-verbal, o usuário não consiga distinguir um elemento do outro e, com isto, não realize a CV nestas estruturas.

A grande diferença entre as concordâncias nos dados analisados foi encontrada no exemplo (57) da estrutura VS, que flexionou o verbo mesmo sem o sujeito estar no plural, mas, refletindo sobre este exemplo, podemos pensar que a concordância foi realizada em função do sentido exercido pelo SN *nenhum*, que na oração ilustrada teve um sentido de que apesar de existirem várias recomendações para as coberturas esportivas, nenhuma delas é diferente do grande objetivo da editora, que é exercer o bom jornalismo.

Isto é, neste exemplo ocorreu a concordância da *palavra* com o *sentido*, também conhecida como concordância “*ad sensum*” ou *silepse*, e que consiste na possibilidade de o sintagma nominal, devido ao seu conteúdo semântico de pluralidade, poder levar o verbo ao plural.

1.4. Variável lingüística tipo de tempo verbal

O verbo é o elemento nuclear da sentença e é ele também que carrega a marca da concordância com o sujeito, por isto analisamos o tipo de tempo verbal para ver se de alguma forma ele condiciona a ausência de CV com sujeito posposto.

E, conforme a tabela abaixo, nota-se que a percentagem de falta de CV entre os as ocorrências que apresentavam o verbo no passado foi o dobro da percentagem das orações com verbo no presente. Muito desta presença em maior quantidade de verbos no passado se deve aos tipos de suportes utilizados em nossa pesquisa, pois, por terem como principal objetivo a transmissão de informação, as notícias e fatos contidos nos textos são de momentos passados, por isto o verbo também está no passado.

Tabela 4: tipo de tempo verbal X presença/ausência de concordância verbal

Tipo de tempo verbal	Presença de Concordância	Ausência de Concordância	Total dos dados
Presente	94%	6%	37%
Passado	87%	13%	58%
Futuro	100%	0	5%
Total	90%	10%	100%

Exs. de não-concordância com:

Verbo no presente: (59) E dentre aqueles que Deus convoca para evangelizar **destaca-se os jovens**. (Revista Aparecida, 06/2009, gênero coluna)

Verbo no passado: (60) **Foi apreendida** pela polícia local **dezenas de peças de veículos e ferramentas, além de carcaças de carros**. (Notícias Já, 02/2010, gênero notícia)

1.5. Variável lingüística classe do sujeito

Como Lira (1982) aponta em sua pesquisa uma maior ocorrência da ordem VS com sujeito nominal, de acordo com a tabela abaixo, nosso trabalho apontou para este fato.

O fator nome é o que prevalece como desencadeador da não-concordância entre verbo e sujeito posposto (11% ausência), visto que o nome tende a ser mais forte, por ser mais específico, possuir referência, e por carregar um conteúdo semântico maior, pois

“Todo e qualquer substantivo é uma marca, seja ou não de propriedade de um indivíduo, um produto, um objeto, uma corporação ou uma comunidade” (Ries & Ries, 2000, p. 3).

Tabela 5: classe do sujeito X presença/ausência de concordância verbal

Classe do sujeito	Presença de Concordância	Ausência de Concordância	Total dos dados
Nome	89%	11%	98%
Pronome	100%	0	2%
Total	90%	10%	100%

Exs. de não-concordância com:

Nome: (61) **Causou** enormes estragos **as chuvas que atingiram a zona Sul durante o final de semana**. (Jornal da Tarde, 03/2010, gênero notícia)

1.6. Variável lingüística definitude do sujeito

A variável definitude do sujeito tem sido apontada como relevante para o estudo da posposição do sujeito, pois pesquisas, como a de Lira (1982), apontam que, na fala, o sujeito posposto tem maior probabilidade de ser indefinido.

Para Hawkins (1978), a utilização do um artigo definido é como uma instrução para que o ouvinte localize o referente de um SN definido em um conhecimento compartilhado, tanto pelo falante quanto pelo ouvinte, sendo, portanto, a referência específica. Já com a

utilização do artigo indefinido, o ouvinte não é instruído a localizar o referente neste conjunto compartilhado, sendo a referência neutra nesse contexto.

Heim (1982) diz que as condições semânticas e pragmáticas é que determinam a escolha entre um artigo definido e indefinido e que essa escolha é baseada na noção de familiaridade, isto é, a definitude distingue que o ouvinte já está familiarizado com o referente, já a indefinidade mostra que o ouvinte não está familiarizado com o referente e que este está sendo, então, introduzido no discurso.

Estas duas perspectivas assinalam que a definitude impõe condições para seu uso: de acordo com Hawkins (1978), é necessário que haja um conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte, pois, sem isso, o uso do artigo definido causaria estranheza ao ouvinte; e de acordo com Heim (1982), o ouvinte deve estar familiarizado com o SN referenciado. Em ambas perspectivas, a definitude implica em referenciação específica.

O outro tipo de definitude é de natureza formal e se descreve por critérios gramaticais, quando em SNs estão presentes artigos definidos, demonstrativos, possessivos ou quantificadores (Prince, 1992). Todavia tal natureza formal é vista, numa investigação de orientação funcionalista, como codificação lingüística das pressuposições dos falantes.

Givón (1984) assinala que em uma referência indefinida, o falante supõe que o ouvinte ainda não é capaz de atribuir-lhe identidade referencial única. Para o autor, a diferença entre esses dois tipos de referência pode ser entendida a partir de um contrato cooperativo.

Desta forma, ao selecionarmos esta variável, definitude do sujeito, investigamos a relação entre a presença ou ausência de artigo definido diante de sujeito posposto e a realização da concordância verbal.

Embora a ocorrência de estruturas com ausência de artigo definido diante de sujeito posposto tenha sido bem maior do que as estruturas com presença de artigo definido – cerca de 130 orações continham o sujeito posposto indefinido, contra 76 apresentavam o sujeito definido, a porcentagem de ausência de concordância verbal foi semelhante nestes dois fatores. Isto é, no material analisado, nem o sujeito definido, nem o sujeito indefinido desfavorecem marcadamente a CV com sujeito pós-verbal.

Esperávamos encontrar maior ausência de CV diante de sujeitos indefinidos, pois, assim como os nomes próprios em relação aos nomes comuns, o artigo definido carrega um grau de referenciação e especificação maior que o artigo indefinido. Portanto, podemos pensar que pelo sujeito estar posposto tanto a referenciação quanto a especificação, que o artigo definido carrega, se neutralizam.

Tabela 6: definitude do sujeito X presença/ausência de concordância verbal

Definitude do sujeito	Presença de Concordância	Ausência de Concordância	Total dos dados
Presença	88%	12%	35%
Ausência	91%	10%	65%
Total	90%	10%	100%

Exs. de não-concordância com:

Presença de artigo definido: (62) Sorte nossa é que **existe os hermanos** para salvar a pátria!
(Jornal Notícias Já, 02/2010, gênero coluna)

Ausência de artigo definido: (63) **Continua** em estado grave **mãe e filho** que foram feridos no acidente entre um ônibus e uma carreta na rodovia Anhanguera. (Jornal Notícias Já, gênero notícia, 02/2010)

1.7. Variável lingüística distância entre verbo e núcleo do sujeito

Ao trabalharmos com esta variável, a investigação pautou-se nas seguintes questões: a distância entre o verbo e o núcleo do sujeito influencia o processo de concordância verbal em estruturas que apresentam o sujeito pós-verbal? Há diferença na realização da CV se há somente um ou mais elementos entre o verbo e o núcleo do sujeito posposto?

Diante destas perguntas, dividimos nossas ocorrências em 0 (não há elemento algum entre verbo e o sujeito posposto), 1 (um elemento entre verbo e o sujeito posposto), 2 (dois elementos entre verbo e o do sujeito posposto) e 3 (três ou mais elementos entre verbo e o sujeito posposto).

Assim, acreditávamos que, quanto maior fosse a distância entre o verbo e o sujeito que se encontrava posposto, maior seria a probabilidade de não ocorrer concordância nestas estruturas.

Podemos ver, conforme nossa hipótese acima e de acordo com a tabela abaixo, que o percentual de ausência de CV foi aumentando à medida que se aumentava a distância entre o verbo e o núcleo do sujeito posposto: zero elemento interposto entre verbo e núcleo

do sujeito pós-verbal – 10% de ausência de CV; um elemento interposto entre verbo e núcleo do sujeito pós-verbal – 13% de ausência de CV; três elementos ou mais interpostos entre verbo e núcleo do sujeito pós-verbal – 22% de ausência de CV. Contudo, quando havia 2 elementos interpostos entre verbo e núcleo do sujeito pós-verbal, não houve ausência de CV.

Tabela 7: Distância entre verbo e sujeito X presença/ausência de concordância verbal

Número de elementos que antecedem o sujeito	Presença de Concordância	Ausência de Concordância	Total dos dados
0	90%	10%	56%
1	87%	13%	31%
2	100%	0	7%
3/+	78%	22%	6%
Total	90%	10%	100%

Exs. de não-concordância com:

0 elemento entre o verbo e o sujeito posposto: (64) Não sei se você notou, mas **aumentou as reportagens** na tevê sobre o mundo animal. (Malu Mulher, 09/2009, gênero coluna)

1 elemento entre o verbo e o sujeito posposto: (65) E dentre aqueles que Deus convoca para evangelizar **destaca-se os jovens**. (Revista Aparecida, 06/2009, gênero coluna)

3/+ elementos entre o verbo e o sujeito posposto: “Está junto com as obras sociais as ações do povo de fé. (Revista Aparecida, 06/2009, gênero coluna)

4.1.8. Variável extralingüística tipo de suporte

Através da variável tipo de suporte, conseguimos delinear a influência que a revisão gramatical, textual e ortográfica, que os suportes analisados passam antes de serem publicados, apresenta para a realização da concordância verbal nas estruturas coletadas com sujeito posposto.

Como os jornais de nosso corpus (Diário de São Paulo, Jornal da Tarde, Notícias Já e Folha de São Paulo) são diários e, por isto, possuem menor tempo para revisão de todos os seus conteúdos, era de se esperar que tais suportes trouxessem maior ausência de CV com sujeito posposto. Porém, as revistas utilizadas (Istoé Gente, Malu Mulher, Aparecida e Época), a maioria com circulação semanal e, devido a isto, com maior tempo de revisão, foram as que apresentaram maior percentual de não-concordância entre o verbo e o sujeito pós-verbal (13%).

Embora a diferença entre a ausência de CV nestes jornais e revistas não seja significativa, é um importante indício de que a revisão por que passam não está coibindo a variação na concordância diante de sujeito posposto. E que um maior tempo de produção, revisão, editoração dos textos não influencia a não-ocorrência de nossa variante, o que nos faz pensar se a ausência de concordância verbal com sujeito posposto esteja se tornando algo usual.

Tabela 8: classe do sujeito X presença/ausência de concordância verbal

Suporte	Presença de Concordância	Ausência de Concordância	Total dos dados
Jornal	92%	8%	58%
Revista	87%	13%	42%
Total	90%	10%	100%

Exs. de não-concordância em:

Jornal: (68) **Causou** enormes estragos **as chuvas que atingiram a cidade de São Paulo durante o final de semana.** (Jornal da Tarde, 03/2010, gênero notícia)

Revista: (69) E dentre aqueles que Deus convoca para evangelizar **destaca-se os jovens.** (Revista Aparecida, 06/2009, gênero coluna).;

1.9. Variável extralingüística nome do suporte

Lembramos, mais uma vez, que nosso intuito foi o de investigar a presença/ausência de CV de acordo com o estilo textual dos suportes e que, devido a isso, nós consideramos que os jornais e revistas analisados apresentam um continuum que vai do [+] formal para o [-] formal³³: Época > Folha de São Paulo > Aparecida > Jornal da Tarde > Istoé Gente > Diário de Popular > Malu Mulher > Notícias Já. Desta forma, dentro desta perspectiva, era esperado que quanto mais formal o suporte fosse, maior seria a presença de CV com sujeito posposto e que quanto menos formal, menor presença de CV.

Alguns suportes, embora considerados mais formais, como o caso da revista Aparecida que traz conteúdos religiosos e uma escrita mais técnica, apresentaram percentuais maiores de não-concordância do que suportes menos formais, como a revista Istoé Gente.

Os suportes Folha de São Paulo e Jornal da Tarde não mostraram uma diferença relevante no uso da CV entre eles, mesmo um sendo mais caro e de maior circulação (Folha de São Paulo) e tendo como público alvo a classe mais rica.

³³ Para o estabelecimento desta escala consideramos o público alvo, o preço, os assuntos, a periodicidade das revistas selecionadas, o número de revisores que as revistas possuem.

Tabela 9: classe do sujeito X presença/ausência de concordância verbal

Nome do Suporte	Presença de Concordância	Ausência de Concordância	Total dos dados
Notícias Já	80%	20%	13%
Época	100%	0	15%
Malu Mulher	60%	30%	4%
Istoé Gente	100%	0	2%
Aparecida	78%	22%	21%
Jornal da Tarde	93%	7%	20%
Folha de São Paulo	95%	5%	14%
Diário Popular	100%	0	11%
Total	90%	10%	100%

Exs. de não-concordância:

Malu Mulher: (70) Não sei se você notou, mas **umentou as reportagens** na tevê sobre o mundo animal.” (Malu Mulher, 09/2009, gênero coluna)

Notícias Já: (71) **Continua** em estado grave **mãe e filho** que foram feridos no acidente entre um ônibus e uma carreta na rodovia Anhanguera. (Jornal Notícias Já, gênero notícia, 02/2010)

Aparecida: (72) Por isto, em todo o processo da missão se **evidencia os Sacramentos da Igreja**, porque eles atualizam a ação redentora em nosso favor.” (Revista Aparecida, 06/2009, gênero coluna)

Folha de São Paulo: (73) A Globo informa que a direção não examina todo o conteúdo produzido diariamente e que não **existem nenhum tipo de recomendação** que seja diferente das outras grandes coberturas esportivas da emissora: exercer o bom jornalismo. (Folha de São Paulo, 05/2010, matéria coluna)

Jornal da Tarde: (74) Como essa **existe outras 300 situações** que acontecem no dia a dia. (Jornal da Tarde, 03/2010, gênero entrevista)

Nesta análise, a grande surpresa foi a revista Aparecida – pois esperávamos que trouxesse uma monitoração maior em sua concordância verbal, devido a este suporte tratar de assuntos mais formais como religião, saúde e solidariedade e possuir periodicidade mensal, tendo maior tempo para elaboração e revisão dos textos do que as outras revistas do corpus – e o jornal Diário Popular que, mesmo sendo direcionado a um público leitor pertencente a classe mais baixa, ser vendido a preço baixo e possuir circulação diária, não apresentou nenhuma ausência de concordância em seus dados.

Assim sendo, os resultados presentes na tabela acima nos levaram a pensar se os suportes menos formais, devido à estigmatização e preconceito que sofrem, por conta de terem como leitores pessoas advindas das classes populares, estão tendo um maior cuidado com a elaboração de seus textos e, conseqüentemente, adequando as suas escritas à norma prescrita pelos manuais de redação.

Igualmente como ocorre com os gêneros analisados – uma inversão no grau de formalismo³⁴ (gêneros que deveriam ser mais formais adotam estratégias de envolvimento e informalidade, o que faz com que os textos pareçam estar mais próximos de seus leitores)–, provavelmente esteja ocorrendo com os suportes analisados, pois, através de nossa mostragem, percebe-se que quão mais popular é o suporte, maior adequação à norma gramatical ele apresenta.

2. O Peso relativo e aplicabilidade do fenômeno

Como vimos acima, após esta primeira rodada, alguns fatores apresentaram KnockOut e, de forma a calcularmos a relevância da pesquisa, assim como o peso relativo dos fatores analisados, tivemos que excluí-los de nossa análise

Continuando, então, nossas análises, ao recomeçarmos as rodadas, com o intuito de calcularmos o peso relativo e a aplicabilidade do fenômeno, somente três fatores se

³⁴ Heberle (1999) fala sobre a inversão no grau de formalismo nos gêneros discursivos

mostraram relevantes – tipo de sujeito, tipo de verbo e papel temático do sujeito – estes fatores vêm acompanhados de suas respectivas relevâncias.

2.1. A variável lingüística tipo de Sujeito

O tipo de sujeito (Simples/Composto)³⁵ mostrou ser importante para a concordância verbal nas estruturas pesquisadas. Enquanto que a ausência de Concordância com Sujeito Simples marcou 7%, com o Sujeito Composto esta ausência atingiu 27%. Este fato nos mostra que quanto mais elementos contiver o SN Sujeito Posposto, maior será a probabilidade de não ocorrer a CV.

Contudo, devemos ressaltar que os gramáticos, como dissemos anteriormente, aceitam que o verbo concorde apenas com o elemento mais próximo de um sujeito composto, quando este está colocado após o verbo. Se considerarmos esta premissa, podemos dizer que a presença de concordância diante destes sujeitos compostos pospostos, faz com que este tipo de sujeito seja visto como sujeito, mesmo não estando em posição inicial de sentença.

Entretanto, alguns dos manuais de redação³⁶, elaborados por algumas das editoras utilizadas em nosso corpus, trazem que a concordância verbal deve ser estabelecida de acordo com o sujeito da oração, ou seja, diante de sujeitos compostos o verbo vai para o plural: “Adote como norma: o sujeito composto leva o verbo para o plural, esteja o verbo antes ou depois do sujeito” (Estado de São Paulo, 1997). Se levarmos em conta esta

³⁵Embora já tenhamos visto que a GT admite o não uso da CV diante sujeito composto posposto é nosso objetivo investigar como se estabelece a CV neste contexto.

³⁶Folha de São Paulo(1987); Estado de São Paulo (1997).

informação, há falta de concordância diante do sujeito composto posposto, presente no exemplo (76) abaixo.

Também, através da tabela seguinte, notamos pelo peso relativo gerado, que o processo de concordância verbal é inibido (0.29) diante de sujeitos compostos pospostos. Scherre & Naro (1998), ao utilizarem dados de fala, observaram também que quanto maior for o sujeito de uma oração, menor é o índice de concordância verbal. Isto é, quanto mais elementos o SN sujeito tiver, maior será a probabilidade de não concordância com o verbo da oração.

Tabela 10: tipo de sujeito x concordância/não-concordância

Variável Tipo de Sujeito Posposto	Concordância	Não-concordância	Total dos dados	Peso relativo de aplicabilidade da CV
Sujeito Simples	93%	7%	84%	0.64
Sujeito Composto	73%	27%	15%	0.29
Total	90%	10%	100%	

Exs. de não-concordância com:

Sujeito simples: (75) Por isto, em todo o processo da missão se **evidencia os Sacramentos da Igreja**, porque eles atualizam a ação redentora em nosso favor.” (Revista Aparecida, 06/2009, gênero coluna)

Sujeito composto: (76) **Continua** em estado grave **mãe e filho** que foram feridos no acidente entre um ônibus e uma carreta na rodovia Anhanguera. (Jornal Notícias Já, gênero notícia, 02/2010)

2.2. A variável lingüística tipo de verbo³⁷

Considerando a percentagem muito aproximada encontrada para a transitividade verbal (intransitivo, transitivo e de ligação), o tipo de verbo parece não influenciar diretamente o fenômeno. Estes números nos fazem corroborar na escrita o que Scherre & Naro (2005, p.24) encontraram na fala, pois “o tipo de verbo, em especial, não revela efeito sobre a concordância, seja de acordo com a categorização tradicional, seja de acordo com a nova proposta de orientação gerativa”.

Contudo, vendo o peso relativo gerado, os verbos intransitivos desfavorecem fortemente a realização da concordância verbal (0.14) ao contrário dos verbos transitivos, com 0.83 de aplicabilidade da regra.

Borba (2007, p. 57), ao refletir sobre a questão da transitividade verbal, nos fala que:

³⁷ Por questões temporais, uma análise mais minuciosa, separando os verbos em acusativos e inacusativos; ação, processo, estado e ação-processo; saliência singular/plural, ficará para uma próxima pesquisa.

“A possibilidade de associação, aproximando as palavras, gera a dependência, e esta, a transitividade entendida, então, como grau de completude de cada palavra ou classe de palavra: as intransitivas são completas por si mesmas e as transitivas precisam de complementação para chegar a ter efeitos. Esta noção é de natureza sintagmática – assim como nenhuma palavra tem cadeira cativa numa classe, assim também sua transitividade só se realiza na frase. Dessa forma, potencialmente, substantivos (S), adjetivos (Adj) e verbos (V) são transitivos e intransitivos; dependendo de sua ambiência ou colocação para se realizarem de uma forma ou de outra”. (Borba, 2007, p. 57)

Pensando no que diz o autor, ao refletirmos sobre a questão de que pelo peso relativo os verbos intransitivos se mostram favorecedores da não-concordância verbal, somos levados a crer que, por o verbo intransitivo ser completo por si mesmo – ter um alto grau de completude, o usuário da língua interprete o SN posposto a este tipo de verbo como um complemento, e não como o sujeito da oração, não fazendo, neste sentido, a concordância entre o sujeito posposto e o verbo.

Tabela 11: Tipo de transitividade verbal x presença/ausência de concordância

Tipo de Verbo	Presença	Ausência	Total dos dados	Peso relativo de aplicabilidade da CV
Transitivo	91%	9%	30%	0.83
Intransitivo	93%	7%	37%	0.14
Ligação	92%	8%	33%	0.37
Total	90%	10%	100%	

Exs. de não-concordância com:

Verbo de ligação: (77) **Continua** em estado grave **mãe e filho** que foram feridos no acidente entre um ônibus e uma carreta na rodovia Anhanguera. (Jornal Notícias Já, gênero notícia, 02/2010)

Verbo transitivo: (78) Nele, **retratou-se possibilidades de descobertas** em cada horizonte de todos os poços pioneiros (os que são perfurados com o objetivo de descobrir novas jazidas) incluídos no planejamento da Petrobras. (Jornal da Tarde, 03/2010, gênero notícia)

Verbo intransitivo: (79) A Globo informa que a direção não examina todo o conteúdo produzido diariamente e que não **existem nenhum tipo de recomendação** que seja diferente das outras grandes coberturas esportivas da emissora: exercer o bom jornalismo. (Folha de São Paulo, 05/2010, matéria coluna)

2.3. Variável lingüística papel temático do sujeito

A agentividade e a animacidade do sujeito estão vinculadas ao tipo de alinhamento³⁸ representacional, pois é o nível representacional que confere organização morfossintática aos constituintes de uma oração. E quando o alinhamento é sensível às

³⁸ O termo alinhamento designa a maneira de se posicionar unidades lexicais de acordo com suas estruturas.

funções de designação, a organização oracional dependerá da hierarquia de animacidade e agentividade dos constituintes. Desta forma, SNs sujeitos agentes tendem a apresentar maior probabilidade de CV do que SNs sujeitos pacientes, da mesma forma que estes tendem a se posicionar pós-verbalmente (Hengeveld & Mackenzie, 2009).

Por isto, ao trabalharmos com esta variável, queríamos colher indícios que confirmassem a hipótese dos autores acima.

Através dos dados presentes na tabela abaixo, notamos uma maior incidência de sujeitos pacientes, cerca de 64% da ocorrência, o que corrobora com as afirmações de Pontes (1986) – que o sujeito posposto tem característica de objeto (não apresenta concordância verbal com o sujeito e é paciente) –, visto que a prototipia do sujeito é a posição anteposta ao verbo, a concordância com o verbo e a agentividade.

Também, como vemos na tabela abaixo, SNs sujeitos pacientes ([–] agente), desfavorecem o uso da concordância verbal, trazendo 15% de ausência de CV.

Estas percentagens são corroboradas pelo peso relativo apresentado. Enquanto o sujeito agente com 0.90 favorece a concordância verbal, o sujeito paciente a desfavorece fortemente (0.23).

Tabela 12: papel temático do sujeito X presença/ausência de concordância verbal

Papel temático do sujeito	Presença de Concordância	Ausência de Concordância	Total dos dados	Peso de aplicabilidade da CV
Agente	98%	2%	36%	0.90
Paciente	85%	15%	64%	0.23
Total	90%	10%	100%	

Berlinck, Duarte e Oliveira (2009, p.118) salientam que

“A falta de concordância formal entre o SN e o verbo nas passivas sintéticas sinaliza que o falante não interpreta o SN como sujeito e sim como objeto do verbo transitivo, privilegiando a leitura de voz ativa, aproximando essas construções às de verbos intransitivos (Vive-se bem em São Paulo) e transitivos oblíquos (Precisa-se de carpinteiro)”.

Exs. de não-concordância:

Sujeito posposto agente: (79) **Causou** enormes estragos **as chuvas que atingiram a zona Sul durante o final de semana**. (Jornal da Tarde, 03/2010, gênero notícia)

Sujeito posposto paciente: (80) E dentre aqueles que Deus convoca para evangelizar **destaca-se os jovens**. (Revista Aparecida, 06/2009, gênero coluna).;

3. Contextos favoráveis para a ausência de concordância verbal diante de sujeito posposto

Como nosso trabalho abordou somente as ocorrências de sujeito posposto expresso após o verbo, nos deteremos a explicar quais são os contextos sintáticos, os processos

morfossintáticos e sintáticos, os tipos de formação envolvidos nas ocorrências de não-concordância verbal com este tipo de sujeito.

Notamos que há uma predisposição muito elevada, em torno de 60% dos nossos dados, para a ausência de concordância verbal com sujeito composto paciente. Este fato já era esperado, pois, conforme as pesquisas de Pontes (1986), o sujeito posposto apresenta, na maioria das vezes, característica de objeto (passividade) e, conforme nos aponta Scherre (2005), quanto mais elementos possuir o SN sujeito, mais propenso ele estará à ausência de CV.

Conforme nos aponta a tabela abaixo, o índice de não-concordância verbal diante de sujeitos agentes simples representa $\frac{1}{4}$ do índice encontrado em sujeitos simples passivos:

Tabela 13: tipo de sujeito X papel temático do sujeito

Papel temático do sujeito		Sujeito simples	Sujeito Composto
Paciente	Presença	84%	40%
	Ausência	16%	60%
Agente	Presença	96%	100%
	Ausência	4%	0

Já na relação definitude do sujeito X tipo de estrutura oracional, a não-concordância nas estruturas com sujeito indefinido se apresentam bem mais elevadas do que as estruturas com sujeito definido, o que vem o mostrar que, realmente, a definitude do sujeito tem influído no processo de concordância verbal na escrita e que esta, embora tenda mais ao padrão normativo e seja mais monitorada, já está recebendo influência da variação verbal que ocorre na língua falada.

Contudo, devemos ressaltar os índices de não-concordância com sujeito indefinido das estruturas VXS e VS, que se mostraram bem mais acentuadas que as demais estruturas.

Uma causa destes percentuais elevados poderia ser, no caso da estrutura VXS, a falta de conhecimento do usuário da língua do que seria o sujeito da oração, pois ambos SNs (tanto o sujeito quanto o objeto) estão pospostos e o SN sujeito não se encontra acompanhado do artigo definido, ocasionando um conflito entre os dois SNs na hora de se fazer a CV. Os índices desta relação seguem abaixo:

Tabela 14: Definitude do sujeito X tipo de estrutura oracional

Tipo de estrutura oracional		Sujeito indefinido	Sujeito definido
VSX	Presença	50%	0
	Ausência	50%	0
XVS	Presença	85%	94%
	Ausência	15%	6%
VXS	Presença	75%	88%
	Ausência	25%	12%
VS	Presença	83%	89%
	Ausência	17%	11%

Com relação ao tipo de sujeito e a definitude do sujeito, novamente nos deparamos com o elevado percentual de ausência de CV diante de sujeito posposto composto, mostrando mais uma vez que este tipo de SN se mostra relevante para a não-aplicabilidade da concordância verbal, tanto na fala (de acordo com a análise de Scherre, 2005) quanto na escrita.

Tabela 15: tipo de sujeito X definitude do sujeito

Definitude do sujeito		Sujeito Simples	Sujeito Composto
Indefinido	Presença	88%	40%
	Ausência	12%	60%
Definido	Presença	88%	64%
	Ausência	12%	36%

A tabela acima mostra que o sujeito posposto composto quando indefinido aumenta a probabilidade não-concordância verbal (60% de ausência de CV) – fato que corrobora com as afirmações de Pontes (1986) e Lira (1982).

Ao relacionar o tipo de verbo com o papel temático do sujeito, o sujeito posposto paciente diante de verbos intransitivos apresenta um elevado percentual de não-concordância verbal, cerca de 60%. Conseqüentemente, o índice de não-concordância verbal com sujeito posposto paciente se mostra mais acentuado do que com os sujeitos pospostos agentes. Mais uma vez os resultados de Pontes (1986) são corroborados por nossa pesquisa.

Tabela 16: tipo de verbo X papel temático do sujeito

Papel Temático do sujeito		Verbo intransitivo	Verbo transitivo	Verbo de ligação
Paciente	Presença	40%	81%	85%
	Ausência	60%	19%	15%
Agente	Presença	92%	100%	100%
	Ausência	8%	0	0

A partir dos índices encontrados, corroboramos os apontamentos de Berlinck, Duarte e Oliveira (2009, p.118) quando assinalam que

“A falta de concordância formal entre o SN e o verbo nas passivas sintéticas (25 b-d) sinaliza que o falante não interpreta o SN como sujeito e sim como objeto do verbo transitivo, privilegiando a leitura de voz ativa, aproximando essas construções às de verbos intransitivos (Vive-se bem em São Paulo) e transitivos oblíquos (Precisa-se de carpinteiro)”.

E quando correlacionamos o tipo de sujeito com o tipo de estrutura oracional, o índice de não-concordância verbal diante de sujeito posposto simples da estrutura VSX chamou-nos atenção (33% de ausência de CV), pois se o sujeito posposto composto tem maior probabilidade não-concordância verbal em todas as outras estruturas, nesta não houve uma ausência de CV diante deste tipo de sujeito.

A razão para este percentual elevado de ausência de CV com sujeito posposto simples em estruturas VSX é um fato para se pensar em um novo estudo.

Tabela 17: tipo de estrutura oracional X tipo de sujeito

Tipo de estrutura oracional		Sujeito Simples	Sujeito Composto
XVS	Presença	92%	67%
	Ausência	8%	33%
VXS	Presença	100%	50%
	Ausência	0	50%
VSX	Presença	67%	100%
	Ausência	33%	0
VS	Presença	83%	0
	Ausência	17%	100%

Outra vez nossos dados corroboram Scherre (2005), pois o sujeito posposto composto apresenta um percentual bem mais elevado do que sujeito posposto simples, independentemente do tipo de verbo – sendo que com verbo transitivo em 100% dos casos com sujeito posposto composto houve ausência de concordância verbal.

Tabela 18: Tipo de verbo X tipo de sujeito

Tipo de verbo		Sujeito simples	Sujeito composto
Transitivo	Presença	78%	0
	Ausência	22%	100%
Ligação	Presença	100%	56%
	Ausência	0	44%
Intransitivo	Presença	100%	84%
	Ausência	0	16%

De acordo com nossos dados e tabelas apresentados acima, a ausência de concordância verbal é prevenida fortemente quando o sujeito composto, indefinido, passivo e está diante de verbos intransitivos. A explicação para este fato é que o escritor do texto, por ter que se fazer entender, “considera” que só podem ser pospostos os “sujeitos” que também possam, por uma razão ou outra, ser “estruturalmente” analisados como objetos” (Menuzzi, 2003, p. 4).

Uma outra divergência entre as conclusões das pesquisas que se pautaram na fala e a nossa pesquisa, pautada na escrita, é a de que, na fala, a sintaxe não estaria associada à ausência de concordância verbal³⁹. O que demonstramos através de nossos dados ser a sintaxe fator importante para a ocorrência da ausência de CV na escrita diante de sujeito posposto .

³⁹ As pesquisas como a de Scherre (2005) consideram que fatores sociais como sexo do informante e escolaridade são relevantes para a ocorrência de ausência de concordância verbal na fala.

Entretanto, antes de concluirmos este trabalho, apresentando nossas considerações finais, fica claro, a partir destas diferentes conclusões entre as pesquisas pautadas em corpus oral e a nossa pesquisa com corpus escrito, a necessidade de estudos mais amplos e com diferentes perspectivas – além dos gêneros escritos de imprensa, que nós abordamos – sobre a concordância verbal na escrita.

CONCLUSÃO

A fala e a escrita são utilizadas em contextos diferentes, com propósitos e funções diferentes. Enquanto a fala é mais dinâmica, entendida como processo, e acontece num fluxo contínuo; a escrita é sinóptica, entendida como produto; mas nada impede que traços orais entrem na escrita e vice-versa – fato percebido pelos casos de ausência de concordância por nós encontradas (Halliday, 1985).

A Sociolingüística nos mostra a importância dos estudos descritivos do uso de uma língua pelos seus usuários, fazendo percebê-la como objeto social e, por isto, variável. Ao abordar a escrita, denominada padrão, dos falantes cultos do PB, esta pesquisa evidenciou diferenças entre esta variedade e a variedade descrita pela gramática normativa, mesmo esta escrita sendo mais monitorada e formal.

A escrita é mais utilizada como corpus em pesquisas sociolingüísticas diacrônicas, devido à impossibilidade de achar dados de fala que remontem a séculos passados.

As pesquisas sociolingüísticas sincrônicas, quase sempre, analisam a língua falada, a norma popular e a norma culta, deixando de lado a norma padrão, presente em jornais e revistas. No entanto, conforme mostrado nos exemplos da seção 2, retirados de gêneros escritos de imprensa, encontramos indícios de aspectos da fala (falta de concordância verbal) na escrita monitorada e deparar com tais ocorrências de falta de concordância verbal na escrita padrão é um fator importante para se determinar o encaixamento da mudança lingüística de um fenômeno.

Ao se trabalhar com a inserção de aspectos da fala na escrita, é possível mostrar que há estratégias de *regularização lingüística*⁴⁰, à medida que estas modalidades estão relacionadas à *corrente intuitiva* do usuário da língua, que as utiliza nas operações discursivas e textuais do dia-a-dia. Com isto, adicionam-se maiores dados às pesquisas que tratam da comparação entre fala e escrita.

O estudo de gêneros escritos, no nosso caso, o de imprensa, se faz importante para a Sociolingüística na tentativa de se buscar evidências acerca de um contínuo ou gradação entre fala/escrita.

O estudo da natureza dos enunciados e diversidade dos gêneros, nas diferentes esferas comunicativas, tem grande importância para a lingüística e filologia. Toda pesquisa acerca de um material lingüístico concreto trabalha com enunciados concretos que, por sua vez, lidam com diferentes áreas de atividades humanas, originando determinados gêneros do discurso.

Contudo, é possível afirmarmos que, devido ao caráter social, histórico e cultural dos gêneros, as mudanças lingüísticas são indissociáveis das mudanças efetuadas nos gêneros do discurso, pois as mudanças nos gêneros do discurso refletem a menor mudança na vida social. Pois, “nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero” (Bakhtin, 1997, p.285).

Nosso trabalho visou agregar maiores informações a respeito da relação entre a Ordem SVO e o processo de Concordância Verbal ao ter como corpus gêneros escritos de imprensa, no caso as revistas e os jornais. Pois, para sistematizar o uso das estruturas oracionais do PB, a visão conjunta da fala e da escrita se faz necessária.

⁴⁰ Termos em itálicos utilizados por Marcuschi (2007).

Mollica (2008) parte da premissa que a relação fala e escrita é tão tênue que há razões para se acreditar que fenômenos variáveis migrem de uma modalidade (fala e escrita) para a outra. A autora assume a existência de um *continuum* entre estas modalidades.

Encontrar 10% de ausência de concordância em gêneros escritos da imprensa nos mostra que a tendência à não-concordância verbal diante de sujeito posposto é forte, visto que não se limita à língua falada e nem é característica de um nível de escolaridade muito baixo, uma vez que jornalistas, redatores e revisores, de um modo geral, têm nível superior de escolaridade, isto é, são, em grande parte, graduados.

Podemos ver pelas pesquisas de Oliveira (2010) – dados orais (diálogo) e escritos (redações) de falantes do noroeste do estado de São Paulo; Berlinck, Duarte e Oliveira (2009) – dados do Nunc; Graciosa (1991) – redações de falantes cultos, Vieira (1995) – falantes analfabetos de comunidades do Rio de Janeiro; e Lima (2008) – gêneros escritos da imprensa ouropretana e marianense (MG) – que, apesar de apresentarem dados coletados de diferentes corpus, que por sua vez trazem modalidades diferentes da língua (oral e escrita), todas as pesquisas vêm mostrar a existência de um *continuum* da variação na concordância verbal.

Contudo, assim como na fala, percebemos que na escrita a posição pós-verbal é um fator desfavorecedor do uso da concordância verbal – mesmo que na escrita monitorada os índices não tenham sido elevados, já se mostram relevantes (10% de ausência de concordância verbal). E a partir do peso relativo gerado, observamos que, no corpus analisado, alguns fatores parecem condicionar a ausência de CV nas estruturas investigadas, sendo eles:

- O Sujeito Composto: quanto mais elementos possuir o SN sujeito, maior será a probabilidade de ausência de CV nas estruturas. Nossos resultados vêm corroborar com a pesquisa de Scherre (2005).⁴¹
- A estrutura oracional VSX que, por não trazer nenhum elemento topicalizado, o usuário pode considerá-la como tendo o sujeito oculto, não estabelecendo a concordância verbal por isto. Ou, como Castilho (2010) afirma, quando o sujeito é elipsado de sua posição inicial, o usuário tende a interpretá-lo como indeterminado, sendo este um motivo para a ausência de concordância neste tipo de estrutura.
- O SN sujeito posposto possuir o traço paciente. Neste caso, o usuário, por não identificar que este SN posposto paciente seja o sujeito da oração – pois tanto a posposição quanto o traço paciente pertencem geralmente aos objetos das orações, “passa a classificar” este SN como outro termo, que não o sujeito, não marcando, assim, a CV.
- Já quando o sujeito posposto é composto e paciente, o índice de não concordância diante deste tipo de sujeito (posposto, composto e paciente) é de 60%.

⁴¹ Essa afirmação também é válida para as ocorrências com sujeitos antepostos, conforme nos aponta Scherre (2005).

O fato de termos encontrado o índice de 10% de ausência de CV em nossos dados, mostra que por estes suportes apresentarem, cada um deles, respectivamente, periodicidade diária, semanal, mensal ou bimestral, e terem passado por revisores, estas ocorrências de ausência de CV evidenciam a perda de status do sujeito quando este se encontra posposto, pois nem o autor do texto, nem o revisor fizeram a CV nestas estruturas. Este índice poderia ter sido maior se estes não passassem por constantes revisões.

Fica evidente, ao final deste trabalho, que a estrutura da frase é muito mais complexa do que as descrições das gramáticas tradicionais apresentam, pois, “de um modo geral, o posicionamento dos constituintes é tomado como uma das características indicativas de sua função sintática” (Berlinck, 1989, p. 105).

Por fim, nosso trabalho veio confirmar os estudos acerca da relação Ordem SVO X Presença/Ausência de Concordância Verbal, citados ao longo desta pesquisa, à medida que percebemos que a ordem VS e suas variantes não são muito freqüentes; e que a ausência de concordância, assim como ocorre na fala, tem se mostrado presente na escrita formal, o que demonstra a extensão do fenômeno de não-concordância, que se manifesta tanto em dados de fala de pessoas não-escolarizadas quanto em dados escritos formais de pessoas que normalmente têm nível superior de ensino. Esse fato vem evidenciar um *continuum* lingüístico existente na variação da concordância verbal.

BIBLIOGRAFIA

ALVES FILHO, F. “A autoria institucional nos editoriais de jornais”. In: *Alfa*, São José do Rio Preto/SP, v. 50, n.1, 2006.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997

BALSALOBRE, Sabrina R.G. e Barbosa, Juliana B. *A imprensa como fonte para pesquisas lingüísticas*, 2003. In: <http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/rev/article/view/File/55/49>. Acesso em: 21 set. 2008, 15:20.

BATISTA DE JESUS & PETRONI. “O gênero do discurso Artigo de Opinião em atividades de leitura e escrita no Ensino Fundamental”. IN: Petroni, M.R (org.). *Gêneros do discurso, leitura e escrita: experiências de sala de aula*. Cuiabá, EDUFT, 2008.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Lucerna Editora, 2000.

_____. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BERLINCK, R. A. “A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem”. In: TARALLO, F. (Org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989.

BERLINCK, R; DUARTE, M. E; OLIVEIRA, M. “Predicação”. In: KATO, M. & NASCIMENTO, M. (Org.). *Gramática do Português Falado Culto no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2009

BITTENCOURT, V. *A Posposição de Sujeito em Português*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, UFMG, 1979.

BORBA, F. “Propriedades Sintáticas, semânticas e pragmáticas do léxico”. In: *(Con)Textos lingüísticos*. Vitória: PPGEL, 2007. (55-68)

BYBEE, Joan L. *Morphology – A study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins Publishing Company, 1985.

CÂMARA JR., J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro : Livraria Editora, 1975.

_____. *Dicionário de Lingüística e Gramática referente à Língua Portuguesa*. 8.ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1978

CARVALHO, R.R. “Cartas do leitor: ação retórica no Ensino Fundamental”. IN: Petroni, M.R (org.). *Gêneros do discurso, leitura e escrita: experiências de sala de aula*. Cuiabá, EDUFT, 2008.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, C. *Gramática da Língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Fename, 1976.

DECAT, M. B. N. “Concordância verbal, topicalização e posposição de sujeito”. In: *Ensaio de Lingüística: cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura*, Belo Horizonte, n. 9, ano 5, 1983.

DIAS, E. S. *Syntaxe Histórica Portuguesa*. 4 ed. Lisboa: Clássica, 1959.

DIK. *The theory of Functional Grammar*. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1989.

DUARTE, M. E. L. “A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil”. In: *DELTA*, v. 8 (Especial), 1992.

DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de lingüística*. SP: Cultrix, 1993

ESTADO DE SÃO PAULO. *Manual de redação e estilo*. 3. ed. São Paulo, 1997. IN: <http://www.estadao.com.br/manualredacao/gerais.shtm>. Acesso em: 21 set 2008, 13:45.

FARACO, C.A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FOLHA DE S. PAULO. *Manual geral da redação*. 2. ed. São Paulo, 1987.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York, Academic Press, 1979.

_____. *Syntax I – A Functional – Typological Introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GUY, G. “Identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação lingüística”. In: *Organon*, Porto Alegre, v. 28 e 29, 2000.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HAWKINS, J.A. *Definiteness and Indefiniteness. A Study in Reference and Grammaticality Prediction*. London: Croom Helm, 1978.

HEBERLE, V. “Estratégias discursivas de informalidade e envolvimento em gêneros discursivos”. *Simpósio “Produção do conhecimento e gêneros do discurso*, 1999. IN:

<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/4031/0>. Acesso em: 10 fev 2011, 10:53.

HEIM, I. *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*. Tese de Doutorado. Amherst, University of Massachusetts, 1982.

HENGEVELD & MACKENZIE. “Alinhamento interpessoal, representacional e morfossintático na gramática discursivo-funcional”. In: *DELTA*, vol.25, n.1, 2009.

KATO, Mary. *Formas de funcionalismo na sintaxe*. 1998. In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300011. Acesso em: 25 ago 2008, 13:30.

_____. “A evolução da noção de parâmetros”. In: *DELTA*, vol. 18, n.2, 2002.

_____. “A restrição de mono-argumentalidade da Ordem VS no Português do Brasil”. 1993. IN: www.periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/download/7208/6654. Acesso em 15 jun. 2010, 14:45.

_____. & TARALLO, F. “The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese”. In: Koch & B. Schliebe-Lange(orgs). *Linguistik in Brasil*. Tübingen : Nyemeyer, 1993.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Perspectives on historical linguistics*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.

_____. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Cátedra, 1983.

_____. *Padrões Sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LEMLE, M.; NARO, A. J. “Competências básicas do português”. In: *Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras*. Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e Fundação Ford, 1977.

LIMA, P. G. S. L. *O emprego do Sujeito Posposto como Objeto: a não-concordância entre Sujeito e Verbo nos jornais de Mariana e Ouro Preto*. Monografia de Bacharelado. Mariana: UFOP, 2008.

LIRA, S. de A. *Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado. University of Pennsylvania, 1982.

LUCCHESI, D. “Parâmetros sociolingüísticos do português brasileiro”. In: *Revista da Abralin*, vol. V, nº 1 e 2, 2006.

LUFT, Celso P. *Moderna Gramática Brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2002.

- MAINGUENEAU, D. *Análise de contextos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCHEZAN, R.C. “Diálogo”. IN: BRAIT, B. *Bakhtin: Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. *Da fala para a escrita – Atividades de retextualização*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MARGOTTI, F. W. *Abordagem empiricista em trabalhos de variação sociolinguística*, 2003. IN: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0401/08.htm>, acesso em 16 fev 2011, 08:38.
- MELO, G. C. *Ensaio de estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- MENUZZI, S. “Sobre as Opções Anafóricas para Antecedentes Genéricos e para Variáveis Ligadas”. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, 2003.
- MIOTO, C. “Focalização e quantificação”. IN: *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, especial, Editora UFPR, 2003.
- MODESTO, Marcello. “Sujeitos nulos em línguas de tópico proeminente”. IN: *Revista da Abralin*, vol. III, no 1, 2004.
- MOLLICA, M.C. “Aportes para uma teoria da mudança na escrita”. IN: Votre, S. & Roncarati, C. *Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- NARO, A. J. & SCHERRE, M. M. P. “Sobre as origens do português popular do Brasil”. IN: *DELTA*. São Paulo, Educ, 9 (nº Especial), 1993.
- _____. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- NEVES, Maria Helena M. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, N. C. *A concordância verbal na região noroeste do Estado de São Paulo*. Dissertação de mestrado. Araraquara, UNESP, 2010.
- PAGOTTO, E. “Sociolinguística”. In: NUNES, J. & PFEIFFER, C.(orgs.) *Introdução às Ciências da Linguagem –Linguagem, História e Conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006, p. 49-72.

PEREIRA, R.A. “Gêneros Do Discurso – Experiências Psicossociais Tipificadas”. IN: *Letra Magna*, ano 04, n.08, 2008.

PERINI, M. *Sofrendo a gramática*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____. *Princípios de Lingüística Descritiva: Introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008.

PEZATTI, E & CAMACHO, R. “Aspectos Funcionais da Ordem de Constituintes”. IN: *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 13, n. 02, 1997.

PIACENTINI, M. T. *Norma culta de variação lingüística III*. In: www.linguabrasil.com.br. Acesso em 25 mai. 2008, 20:40.

PILATI, E. *Sobre a Ordem Verbo-Sujeito no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Brasília, UnB, 2002.

PONTES, Eunice. “O conceito de Sujeito entre os falantes”. IN: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 1985.

_____. *Sujeito: da Sintaxe ao Discurso*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *O tópico no português brasileiro*. Campinas: Pontes, 1987.

PRETI, Dino. *Sociolingüística: os níveis de fala, um estudo sociolingüístico do diálogo literário*. São Paulo: Nacional, 2004.

PRINCE, E. “The ZPG Letter: subjects, definiteness, and information-status”. In: MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fundraising text*. Amsterdam/Philadelph: John Benjamins, 1992, p. 295-325.

RIES & RIES, Laura. *As 22 consagradas leis de marcas*. São Paulo: Makron Books, 2000.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

SAID ALI, Manoel. *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3.ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1965.

_____. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo : Melhoramentos, 1966.

SCHERRE, M. M. P. (1988). *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado, inédito. Rio de Janeiro, UFRJ, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle – Variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHERRE & NARO. *Sobre a concordância de número no português do Brasil*. 1998. In: <http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre-naro98.pdf>. Acesso em 24 nov 2009, 14:38.

_____. *O Papel do tipo de verbo na concordância verbal no Português Brasileiro*. Rio de Janeiro, 2005. In: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-4502002000100003&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em 24 set 2008, 14:30.

SOUZA DA SILVEIRA. *Lições de português*. 6 ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960.

TARALLO, F (org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. 1ª ed. Campinas: UNICAMP, 1989.

_____. *Tempos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *A pesquisa sociolingüística*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

VIEIRA, Silvia. *Concordância Verbal: Variação em Dialetos Populares do Norte Fluminense*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.

VIOTTI, E. “O efeito de definitude”. In: *Revista do GEL*, n. especial, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006.